



Padre
Alóisio
Guerra

A IGREJA
COM O Povo?

A Igreja está com o Povo?

nt

CADERNOS DO POVO BRASILEIRO

PADRE ALOISIO GUERRA

diretores:
ÁLVARO VIEIRA PINTO
ENIO SILVEIRA
Eugenio Hirsch

Vol. 15

nt

A IGREJA ESTÁ COM O POVO?

desenho de capa:
Eugenio Hirsch

Exemplar

Nº 16789

Direitos desta edição reservados à

EDITORIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua 7 de Setembro, 97

RIO DE JANEIRO

B I B L I O T E C A
INSTITUTO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

1963

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

EDITÔRIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

RIO DE JANEIRO

261.7
G 9374

257593

JFC/H
55666

CN-00060730-9

Ao
Monsenhor
JOSÉ
BONIFÁCIO
ARAÚJO

A admiração do autor
e a gratidão dos operários.

ÍNDICE

Sentido dêste Caderno	13
Quem é a Igreja	15
Impedimentos à Solidariedade?	17
Carta do Padre ao Carddeal	19
Quem Apoiará os Humildes	24
Os Grandes Princípios e o Grande Medo	28
Direito de Possuir	32
Papai Noel x Bicho Papão	35
Marxismo e Cristianismo	38
Entre os 10 Mais	48
A XV Estação	50
Mesmo contra a Igreja?	57
Visitar Favelas Não Basta	59
Bemfeiteiros, Heim?	62
Ligas Camponesas e Sindicalismo	65
A Socialização e o Papa	69
As Mâos Puras	76
Até Quando?	78
O Perigo da UNE	81
Para Atrasar a Revolução	84
Como se Prepara uma Revolução	86
Zé da Silva é um Homem Livre	89
Um Grande Nome	91
Creio no Bispo	93
Na História do Brasil	96
Conclusão Inacabada	100

NOTA

Incluímos este trabalho nos Cadernos do Povo Brasileiro por julgarmos que constitui informação objetiva, útil e autorizada sobre a alienação em que se encontram, face aos problemas e anseios do nosso povo, as cúpulas da Igreja Católica.

Louvamos, sobretudo, a coragem que um membro regular e atuante do clero católico brasileiro evidencia ao analisar fatos, situações e personalidades que bem caracterizam a necessidade de uma completa revisão de métodos e processos de sua Igreja.

Quanto aos pontos de vista teóricos nêle expostos, particularmente no que se refere ao conceito de socialização e, de modo mais amplo, à Encíclica Mater et Magistra, devemos ressaltar que êles constituem exclusiva responsabilidade do autor.

OS DIRETORES DA COLEÇÃO

SENTO DESTE CADERNO

A hora atual está longe de Deus. Penso que só existe uma única maneira de medir-se a distância que separa a humanidade de Deus. É a maior ou menor cristianização do homem. Cristianização profunda, sentida e realmente vivida, nas dobras mais íntimas da alma. Não cristianização quase didática, com intenções meramente históricas, usada na linguagem rotineira: mundo cristão, civilização cristã, etc.

Refiro-me à cristianização como força interior plasmadora de atitudes humanas. A identificação com Cristo. Mais do que uma filosofia de vida: a vida mesma. Em verdade, os homens só estarão perío de Deus, quando não estiverem distantes entre si. Quando o homem esvaziar de ódio o coração e plantar dentro d'ele o germe do amor, como ensina a lição eterna do Evangelho, terá achado o caminho e verá vencida a infinita distância que o aparta de Deus. Que há na hora atual? A vitória espetacular da besta humana, sob o império dos instintos mais primitivos e brutais, para quem a tirania do mando, a abastança dos assaltos, o sangue do morticínio, o prazer da luxúria, são o "fim supremo, e a negação de Deus uma doutrina absolutamente lógica.

Ou então: esse humanismo frio e calculado, praticado como simples obrigação social, feito de encomenda para os interesses imediatos d'este mundo. E ainda,

o que é profundamente triste, a religião mal orientada dos que se consomam no fervor do sobrenatural, perdidamente desconsolados e glacialmente indiferentes a este mundo de pecadores.

Outra seria a hora atual, se os que têm fé amasssem a Deus, amando os homens. E sentissem dentro da alma aquela doce verdade proclamada por Riquet, no pulpito de Notre-Dame de Paris:

"Para o cristão não existe salvação, santidade, grandeza e alegria a não ser numa atitude de amor para com os homens. O que assume esta atitude, antes mesmo de ter reconhecido a Deus terminará por encontrá-lo, se fôr fiel a êste amor até o heroísmo; o que se recusa a tomá-la, embora pretenda amar a Deus, mente a si mesmo e sua religião é vã".

Dr. GARCIA MORENO
Escritor, médico e professor (Aracaju)

QUEM É A IGREJA?

Ao escrever êste Caderno, meu amor à Igreja está presente, juntamente com minha fé. Por isso mesmo não me apresento como um Juiz. A intenção é de analisar objetivamente a questão, sem paixão. O julgamento caherá antes aos leitores.

E, evidentemente, não falo em nome de ninguém de nenhuma instituição. Trago observações pessoais. Por vezes dolorosas. E esquecendo, talvez, o essencial.

Não tenho, pois, delegação alguma, nem mesmo do povo humilde (o mais cristão, o mais penitente...), a não ser a comunhão com seus anseios, suas angústias, suas permanentes e repetidas frustrações, seus sofrimentos infndos, sua fome diária.

Com estas preliminares, o mais importante agora será conceituar IGREJA. Não trarei (nem ningum tem o dir-rito de o esperar) um sisudo Tratado filosófico ou teológico da questão. Apenas mostrarei as distinções necessárias para que se possa entender ser uma calúnia à Igreja a atribuição de crimes em seu nome cometidos.

Nos escritos apostólicos lemos que a Igreja é "sem mancha e sem ruga". Um leitor menos avisado terá vontade de gritar tantas máculas, tantas espoliações, tanta cumplicidade...

Nesse sentido se deve entender a lamentação de um Padre Assistente da JOC, no Nordeste: "E dizer-se que

esta Igreja de Deus é a Igreja de Deus . . ." Na última Conferência que pronunciiei em Recife, ao comentar algumas "verdades duras" ou "certezas difíceis", um santo sacerdote achou oportuno no final um aparte, que o fez num tom angelical. Dizia ele que a Igreja é nossa Mãe e como tal nunca deveria ser atacada. Minha resposta foi simples: Se o senhor identifica a Igreja com os homens da Igreja o senhor é que verdadeiramente está atacando. (Neste instante recordo uma frase de um jornalista católico: "Porque um Cardeal não gosta de marmelada nem por isso ela se torna herética").

Quem é, pois, a Igreja? O Papa? Os Bispos e Sacerdotes? Os cristãos? A humanidade toda?

A Igreja deve ser considerada através de seus dois aspectos essenciais, terreno e divino, temporal e extra-temporal, nós e Deus.

O Papa, os Bispos e Sacerdotes, os cristãos, e mesmo toda a geração atual, ainda não são a Igreja. Nenhuma geração a esgota, a realiza em plenitude. Todos e cada um de nós somos Igreja, mas não a Igreja.

Ela se atualiza em cada geração por ser temporal, sem se identificar completamente por ser também extra-temporal, eterna. Porque continuará sendo o perene relacionamento da humanidade com seu Deus.

IMPEDIMENTOS À SOLIDARIEDADE?

Com os dados anteriores já podemos meditar a atuação da "Igreja" na luta pela emancipação do Brasil.

Considerada em seu aspecto universal, se a Igreja fosse o grande Papa João XXIII não seria exagero afirmá-la solidária com o povo humilde (e ainda se elle fosse livre . . .). Não devido à Encíclica Mão e Mestra, que ainda é tímida demais para representar o que elle gostaria de dizer e o que é sua firme convicção pessoal, evangélica.

No plano nacional, se a Igreja fôsse a atual Hierarquia, Deus nos acuda! Chego a crer como impedimento a uma equívoca interpretação da Universalidade da Igreja (identificada com um Romanismo superado com uma famosa Tradição insustentável. E isto, mesmo nas coisas mais insignificantes como vestes sacras, espiritualidade, culto, canto, direito canônico etc., tudo em gritante divórcio do sentimento nacional).

O povo brasileiro tem seus costumes, suas tendências e desejos, seu modus vivendi próprio. E o povo humilde tem sua especial teimosia de tentar sobreviver, que é bem nossa. Nossa povo evoluiu. É hoje quase adulto. Cada vez mais tomando consciência de povo. E a impressão é que certos Dirigentes religiosos não estão despartando para o fato. "Seu Vigaro disse" está perdendo o valor dogmático. Hoje, "Seu Vigaro disse"

para não votar em Arrais (para não desentilar o hino do IBAP) e o Governador eleito não foi o Usineiro...

Outro entrave é a formação burguesa do Clero, a mentalidade monárquica (onde os Bispos são, pitorescamente, Príncipes...), com um magistério a ensinar uma moral de direito de propriedade baseada em fontes, por vezes, espúrias! Ora, ninguém tem Direito NATURAL à propriedade, a não ser coletivamente, a Humanidade toda, de todos os tempos. Ninguém pode possuir com prejuízo do bem comum. Disto todos saem. Mas na hora de agir, de se pôr fim à usurpação, ao privilégio, aparecem uma série de considerações ditas "crisfás", como o respeito à propriedade privada, etc. E os pobres continuam escravos sempre. Esse modo de fazer Religião, é ou não ópio? Karl Marx tinha suas sérias razões quando afirmou que "a religião é ópio do povo". Porque a realização de Igreja que Ele conheceu, no tempo e lugar, era de fato.

O tipo de religião que estamos acostumados a ver ou de que participamos não sei se foi o que pensou Jesus. Devo esclarecer, contudo, que nenhuma afirmação aqui tem valor geral ou absoluto; conhecemos o esforço de alguns (e o que sofrem por isso mesmo).

Medito-se, por exemplo, na carta do Pe. Alípio de Freitas contra uma mentalidade que não é exclusiva do destinatário. Publicando-a aqui não estou julgando-a oportuna ou não; pode ser discutível se deveria ter sido "carta aberta". Apenas devemos dizer que certas verdades precisam ser proclamadas ao menos uma vez: "A verdade vos salvará".

CARTA DO PADRE AO CARDEAL

Rio de Janeiro, 26 de junho de 1962.

Eminência:

Li hoje, sem muita surpresa, a nota da Cúria Arquiepiscopal, em que a título da minha participação em algumas atividades estudantis e operárias, de caráter revindicativo, me é retirado o uso das sagradas ordens e impedido o consequente exercício do sacerdócio na Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Desnecessária se torna essa nota, uma vez que não exerço, nunca exerci e jamais exercerei atividade ministerial na Arquidiocese, de vez que a considero incapaz para o seu exercício, dada a orientação pastoral do Pastor que a preside.

Por que, e supostamente me é retirado o uso das sagradas ordens na Arquidiocese do Rio de Janeiro? Simplesmente, e nisto a Cúria maldosamente se omitti de afirmá-lo, porque integrando-me na luta do povo brasileiro fui à praça pública lutar pelas reformas de base necessárias à emancipação sócio-política do Brasil.

O meu crime foi o de, tendo presente a minha condição de povo e de sacerdote do povo, estar vinculado às suas lutas. No Rio de Janeiro, como no Maranhão, a luta é a mesma e por isso não posso dela estar ausente, e jamais o estarei, acontente o que acontecer.

Por que luta o povo brasileiro? Lutam os campões por reforma agrária, lutam os estudantes por reforma universitária, lutam os operários pelo término da exploração capitalista, luta o Brasil pelas reformas necessárias à sua emancipação. Mas, ao lado do povo que luta, há os que lutam contra o povo, o antipovo, numa luta titânica, numa luta da qual já se conhece o vencedor.

Infelizmente, em não poucos casos, a Hierarquia da Igreja uniu-se ao antipovo e tornou-se por isso mesmo uma força de opressão, um instrumento de dominação. E bem de lamentar-se que a Hierarquia dê aos cristãos a impressão de que a Igreja só subsistirá dentro das limitações anti-humanas e anticristãs do capitalismo; significa isso uma perspectiva histórica totalmente errada, e o que é pior, uma traição vergonhosa ao Cristo Evangelho.

Passe V. Eminência em revista cada um daqueles que faz parte da “elite” que o cerca, analise-os friamente, palavras e ações, e veja quão distantes estão da pregação do Cristo no Evangelho. São ladrões, chantagistas, demagogos, opressores do povo, traidores da Pátria, antinacionais, podridão, sepulcros caiados, são o anti-Evangelho.

São êsses mesmos que lutam contra o progresso do País, que se batem contra as reformas de estrutura, que mentem às classes trabalhadoras, tapeando-as com aumento de salários. São êles que vendem o Brasil aos interesses criminosos e escusos do capitalismo internacional, são êles os instrumentos da dominação imperialista, os planejadores da “Aliança para o Progresso” de “Alimentos para a Paz”, os esquematizadores de golpes contra a democracia, os defensores de privilégios para os que já privilegiados são.

São os lóbos vorazes de que fala o Cristo no Evangelho e que para entrar no rebanho se distorcem com pêlos de ovelha. Serviram-se de sua mão de Pastor para condenar-me pelo apoio que dei ao povo que êles desprezam ou odeiam, mas que amo apaixonadamente.

Foi V. Eminência bispo no Norte e no Nordeste do Brasil. Viu de perto a mais terrível miséria, a mais torpe exploração, o mais trágico panorama sócio-político que alguém pode presenciar. Porque viu tudo isso é que V. Eminência devia compreender o sentido e o significado de minha luta com o povo e pelo povo.

Mas não basta ver, é necessário sentir; sentir na própria carne, na alma; sem essa experiência ninguém pode definitiva e radicalmente se engajar na luta pelo povo. Para lutar ao lado do povo é preciso ainda acreditar nele firmemente, sem dúvida, sem tergiversações, sem desfalecimentos e sem interesses. É necessário aceitá-lo como é, com todos os seus defeitos, com tôdas as suas virtudes, aprendendo-lhe a dinâmica e adivinhando-lhe o desejo nato de poder. Mas as “élites” temiam, e desastrosamente, em não compreender o povo, negando efetivamente a cada um dos indivíduos que o compõem a sua condição de pessoa. V. Eminência achou mais fácil ser “elite”, mesmo contrariando o princípio evangélico de que o pastor deve servir antes de ser servido.

Favela, favelado, fila, fome, miséria, macacão, trem da Central, massa, são vocábulos de que “as élites” têm desprêzo e avor. Por isso V. Eminência e a “elite” que o cerca se sentem enojados diante dessa massa que quer aparecer como ser humano, se apavoram diante da favela descendo à cidade, sentem náuseas junto a um macacão pingando óleo. Mas favela, macacão, mas-

A VERDADE, O EVANGELHO, será levado ao povo e por ELA, por ELÉ, esse mesmo povo ao lugar que a

HISTÓRIA lhe destinou.

Sem outro assunto, me subscrevo de V. Eminência;

servo no Cristo.

as.) PADRE ALÍPIO DE FREITAS.

sa, significam povo oprimido, povo explorado, povo humilhado. Povo oprimido que não aceita mais jugo, povo explorado que não quer mais tutela, povo humilhado mas que agora fita o horizonte de cabeça erguida; povo em marcha para uma civilização diferente, para um mundo novo, verdadeiramente fraternal e cristão.

Fala-se na nota da Cúria “em escândalo”. Escândalo de quem? Dos pobres, dos humildes, dos campões, dos operários, dos estudantes? Não, a minha atitude não escandalizou ninguém de sã consciência. Pode e deve ter escandalizado, sim, aquêles que de há muito são a personificação de tôda a espécie de escândalos.

A minha posição de homem e sacerdote só pode ser a que sempre assumi e continuarei assumindo; jamais e por qualquer prego poderei trair-me e ao Evangelho, abandonando o povo a quem pelo sacerdócio fui destinado. Por isso continuarei lutando, lutando sempre até o limite de minhas forças, até onde humanamente me for possível, até o sacrifício.

O mundo que queremos construir, o novo mundo fraternal por que aspiramos, merece todos os nossos sacrifícios e é suficientemente belo para galvanizar tôda a nossa vida. Aceitei o Evangelho e não posso olhar para trás, para dêle não me tornar indigno. Serenamente continuarei ao lado do povo, no Rio de Janeiro, no Maranhão, em qualquer lugar do Brasil, em todo o mundo. Serenamente, na certeza de que o Evangelho de nossos dias significa e se concretiza em reforma agrária, reforma universitária, reforma urbana, reforma de relações de indústria, luta contra o imperialismo político e econômico, luta contra tôda a espécie de opressão. Estou na posse da verdade e, porque ela é difusiva, de modo algum a poderia guardar para mim sómiente.

fluminenses de usarem armas se a polícia não chegassem a tempo. Tal nota foi publicada em outros Estados, em jornais ditos católicos. O rico usando armas contra seus espoliados chama-se “legítima defesa de sua propriedade”. O pobre para defender o mínimo indispensável chama-se “desordeiro”, “subversivo” ou “comunista”. A desigualdade é gritante, na luta. Que falam pelos ricos, vá lá, dentro dessa lógica que aprenderam. Mas que se proiba aos Padres falar pelos mais fracos, é lamentável!

Por enquanto ainda dá resultado enganar os pobres com anestésicos, com conselinhos esteriotipados, com assistencialismo nocivo como se pratica em Natal. Natal é hoje uma espécie de Repartição Americana distribuidora de leite em pó (de “Alimentos para a Paz”, sei lá). Como se se dissesse a cada faminto do meu Nordeste ludibriado: “Veja como os Americanos são bonzinhos...”

Agora vá alguém (mesmo Padre) querer esclarecer àquele povo o porquê de sua pobreza, humilhada pelo leite em pó. Então, a “varinha mágica” com a palavrinha milagrosa aparece natural: “COMUNISTA”!

Aqui e acolá, há muito interesse escuso mascarado de zélo pela causa divina, pela indústria anticomunista...

Em João Pessoa havia um programa, na Rádio Tabajara, “Salão de Debates”, onde se ventilavam assuntos de interesse nacional. Não me foi possível falar. Não ficava bem... Não era do interesse dos “grandes”. Poderiam se escandalizar. Dirigi, na oportunidade, ao Diretor da Emissora e Presidente da API, jornalista Adalberto Barreto, a seguinte carta (que foi publicada no “Correio da Paraíba”):

QUEM APOIARA OS HUMILDES?

Em poucas palavras, disse o Pe. Alípio o que desejava e se propõe a ala renovadora da Igreja (que encontra eco no coração do Papa e resistência cruel no coração de tantos bispos brasileiros). E não é somente no Rio que o Pe. Alípio e outros são fiéis como pessimos. Medite-se, repetimos, a Carta-aberta e confira-se o Evangelho. Não se verá uma só atitude ou palavra de Cristo a favor dos potentados, e mesmo sua vida estava longe de ser a de um Príncipe (e no entanto, era um Rei!).

O Reino de Jesus não é dêste mundo, mas seu Evangelho detesta exploração, gigantismo econômico. Pense-se na vida dos primeiros cristãos (aplicação mais pura do Evangelho) e compare-se (já não digo com o alto padrão dos Dignatários da Igreja) com a proibição ao Clero de participar da luta pela redenção total do homem espoliado.

Se a Inquisição ainda existisse (e existe de outra forma mais sutil), eu já teria sido queimado. Por enquanto estou apenas “queimado”... E uma das razões é porque já afirmei que os pobres, como homens e filhos de Deus com direito à sobrevivência, podem inclusivamente usar armas, caso não sejam ouvidos seus gritos, em sua fome de justiça. Mas uma Cúria do Rio divulgou nota dando quase um conselho aos fazendeiros

Campina Grande, 12 de março de 1962.

Caríssimo amigo ADALBERTO:

Como já disse pessoalmente, motivos justos me impediram do prazer do comparecimento ao Salão de Debates, dia 28, e não me foi possível avisar a tempo. Desta falta, espero dos caríssimos ouvintes da Tabajara, a devida compreensão, pelo que sou grato.

Como no próximo dia 14 deverei estar em Recife, numa palestra aos Bancários, você marcou para o 21, meu encontro com os pessoenses, no mesmo programa. Dei minha resposta positiva, como seria de esperar. Estou convencido que não devemos nos ausentar do comum sentir do povo, de suas aspirações atuais. Como poderá agora, Adalberto, você e o povo, aceitar e compreender que não estarei áí para essa conversa amiga de esclarecimento, no dia 21? Não exigirei compreensão porque eu mesmo não comprehendo certas coisas...

Mas não me posso responsabilizar pelas coisas que independem de mim. Pobre Igreja! Cristo deve, muitas vezes, chorar sobre nós. E com razão!

Parece que certos Dirigentes desconhecem o autor da Encíclica Mãe e Mestra; não fui eu seu autor, ainda que não cesse de apoiá-la, de aplaudi-la, de lutar pela possibilidade de sua aplicação. Leão XIII e Pio XI escreveram para ninguém. E a impressão é que o grande João XXIII será condenado à mesma sorte. De tão grande de Papa não sei se estamos sendo dignos.

Tudo tem seu tempo. A pompa (e muitas vezes, a falsa pompa) com que vestem (ou fantasiam) a Igreja, não se deve considerar esplendor mas miséria. Uma inopportunidade terrível.

Como terá contemplado a pobreza tremenda dos assalariados e favelados do Rio, o Desfile dos Cardeais com suas caudas de capas-magnas berrantes, com suas cortes, com suas hospedagens em palacetes de burgueses desonestos? Com o mesmo olhar e sentir do povo de Recife diante da fantasia de Ana Maria R. C. Caldas, de 2 milhões?

Essas coisas, êsses efeitos que tanto preocupam muitos padres-bem-nutridos, não são para se compreender, mas para se sofrer. Sofrer com a Igreja. A Igreja de filhos pobres, a Igreja de Jesus, sem ter uma pedra onde reclinar a cabeça.

Da vida de São Pio x se conta ter ele chorado ao vestir as ricas vestes pontifícias. O camponês Roncalli deve ter recebido o luxo do Vaticano como uma cruz, para sofrer com a Igreja êste fora-de-época. Por tudo isso e por isso tudo, Adalberto, a Igreja está também no povo, no povo que sofre e passa fome diária; no povo que repete a aventura de Cristo: não tendo uma pedra onde reclinar a cabeça, nem um lugar garantido onde cair morto (êste Jesus teve). A Igreja, deve ser conhecida nas fontes evangélicas, na carta de João XXII, e não apenas... . Bem, Adalberto, não estarei presente ao Salão de Debates.

Mas, creia-me firme nesta Igreja, "Mãe e Mestra de todos os povos", pela qual, se a graça de Deus continuar comigo, seréi capaz de morrer. Amanhã será melhor, amigos.

Em Jesus Cristo, imensamente:
as.) PE. ALÓISIO GUERRA.

cidade de “seu Vigaro” pelo silêncio à espoliação ou pelo combate inglório a quem grita por melhores dias, não vai receber do camponês a justa lamentação: “Então “seu Vigaro” está contra nós?”

Temos ouvido ataques até mesmo a excelentes cristãos (como Paulo de Tarso, Amoroso Lima e outros) a título de zélo: “nenhuma colaboração deve ser dada aos comunistas”.

O Pe. Orlando Vilela dizia em 1951: “O que não está certo é que se deixe de combater o Capitalismo por medo do Comunismo e que se deixe de lutar por um mundo novo só porque os comunistas também lutam por um mundo novo. O medo do Comunismo não nos deve levar ao ponto de cruzar os braços diante de uma economia sem justiça, sem amor, dura, cruel, implacável”.

Já recebi alguns conselhos de Padres ricos, num convite à prudência... Seria zélo ou medo de que minha pregação os atingisse? Um deles é proprietário de três fazendas, que tiveram um aparecimento milagroso, espécie de geração espontânea, juntamente com carro de passeio, etc. Usava um tom amigo e paternal (ou maternal: quando o sujeito tem dinheiro demais a fala fica tão sonora...), num sorriso largo e descansado.

Um outro perfumado sacerdote, rico e espoliador, tão piadista (e que piadas!) quanto usurpador, citava contra mim a frase de Pio XI, com brilhante histeria: “O comunismo é intrinsecamente mau”.

Estaria possuído de sagrado amor à Religião, “em perigo”? Estamos tão acostumados a esse tipo de defesa de privilégios pessoais camuflados em zélo, que não mais nos sensibilizamos. Ora, a frase fôrâ lembrada porque se falou contra a mercantilização do ensino, da

OS GRANDES PRINCÍPIOS E O GRANDE MEDO

Nenhuma doutrina ou filosofia pode oferecer melhores princípios para a vida dos homens que o cristianismo. Sua força, sua verdade, sua vida vem de Deus mesmo.

Mas, lamentavelmente, na hora da aplicação o grande medo se avoluma, e nada se faz nem se permite que se faça. E quantos gostariam de agir até as últimas consequências! Acredita-se no princípio, mas o medo de que o “doutor patrão” se escandalize com a ação da Igreja é maior.

Um fato pitoresco aconteceu num interior quando um qualquer tentou descrever a ruindade comunista, sua crueldade, seus métodos e outros bichos, a um pobre e espoliado camponês. Entendeu perfeitamente tudo quando exclamou: “Então os latifundiários são os comunistas! Tudo isso que senhor disse éles fazem!”

Como se vê, nem sempre a indústria anticomunista surte os efeitos esperados. Surpresas tem tido muita gente bem. Por exemplo, quando aquêle favelado, ao ser doutrinado na penabotização, deu de ombros: “Ora essa, se o comunismo fosse tão ruim assim já teria vindo para nós, pobres”.

O que frequentemente acontece ao clero é deixar de lutar por um mundo novo porque os comunistas também lutam. Daqui há pouco, quem sabe se a cumpli-

péssima gratificação aos Professores e da usurpação do Colégio da Diocese.

E não é também intrinsecamente mau roubar dos Professores e da Diocese? Por que da mesma Encíclica não citou também que "é preciso fazer todos os esforços para que, pelo menos no futuro, parte dos bens que se acumulam nas mãos dos capitalistas seja reduzida a uma proporção mais equitativa e que seja feita uma distribuição suficiente entre os operários"? Os operários, no caso, são os professores e funcionários. Por que não completou o grande amor à palavra do Papa?

Assim não se pode construir o mundo novo à sombra do cristianismo. Os pobres chegarão a dizer que o Evangelho que se prega só defende os ricos. E entanto devemos ter presente, com Paulo de Tarso, que "a necessidade de ser comunista nasce do fato de a Humanidade já ser anticapitalista e não anticristã. No dia que a Humanidade perceber que pode lutar pelas reformas sociais de base e contra as injustiças sem precisar ser comunista, o Comunismo perderá seu fascínio". E eu me pergunto: Chegaremos a esse dia? Para isso precisariam da coragem de Cristo; os princípios não bastam; Cristo os tinha, mas na hora devida usou mão do chicote contra os ladrões e exploradores do povo. Parece que o medo de desagrardar o "doutor patrão" impossibilita a realização da justiça social.

Mas, ao assumir o Proletariado o poder a que está predestinado, então vamos lamentar a "perseguição religiosa".

"Sem um mínimo de conforto indispensável não é possível a prática da virtude". E muito menos da religião. Ora, o capitalismo nega esse mínimo de conforto indispensável a mais de 70% dos brasileiros. Portanto, responsável pela impossibilidade. E isto não é perseguição religiosa também?

Evidentemente que não. Perseguição é sómente quando o povo, que foi traído, pede conta a bispos ou sacerdotes da mentalidade dos autores de "Reforma Agrária, Questão de Consciência". Raríssimos seriam capazes de assinar tamanha maldade. Mas muitíssimos se conduzem como se fossem autores do indigesto e terrível livro.

quecimento do ensinamento evangélico, perdemos a possibilidade da distribuição equitativa.

São Bento, no entanto, não negava o direito à propriedade, apenas não consentia ser individual ao Monge de seu Mosteiro. Ora, se Deus uniu o destino humano à matéria (Gn. 2,7) era mister o homem possuir coisas como suas para assegurar a sobrevivência. Leão XIII ensina que “possuir as coisas como suas e exclusivamente, é direito dado ao homem pela própria lei da natureza”.

Por sua vez, reza o Cap. IV, art. 4º, n.º 94 do Código Social de Malines: “Os homens receberam da natureza e, portanto, de Deus, o direito da propriedade privada para que cada um possa prover a sua subsistência e a dos seus e para que, graças a essa instituição, os recursos terrestres possam efetivamente atingir a sua destinação providencial, que é a de prover as necessidades essenciais de toda a espécie humana. O direito de propriedade tem, por isso, duplo aspecto: um individual e privado, outro social e público”.

Vamos agora a uma colocação de pontos. É preciso que os cristãos tenham idéias claras sobre propriedade e seus limites, para não chamarem também o Papa de comunista... .

O Clero (que não me onça) pecou gravemente não ensinando a doutrina social da Igreja em todo o seu vigor. Ficou por aí, nuns semõeszinhos inofensivos, a falar de esmolinhas para consolar os ricos, de uma cidadade ridícula, pecaminosa. E a virtude da Justiça passou para o mundo dos símbolos. Os pobres se foram da Igreja. E os ricos, dolorosamente (ou Candelária mente...) se fizeram “cristãos”. E disto tiraram partido... . No entanto, Cristo continua a ser dos pobres: “Eis que vêm evangelizar os pobres”. E em contrapartida, “ai de vós ricos, que já tendes a recompensa”.

DIREITO DE POSSUIR

O pensamento de São Bento estava voltado para os Atos dos Apóstolos (cap. 4,32 ss) ao escrever, em sua monumental Regra, o capítulo 33, tratando da propriedade para os Monges. São Bento diz que o “vício da propriedade” deve ser cortado pela raiz. O Monge não deve ter como propriedade particular nem mesmo o lápis de escrever, mas tudo deve ser comum a todos “como está escrito”.

Este é o texto bíblico: “A multidão dos que crearam tinha um só coração e uma só alma, e ninguém dizia ser própria coisa alguma das que possuía, mas tudo era comum. E com grande fortaleza davam os Apóstolos o testemunho que se lhes havia confiado acérca da resurreição do Senhor Jesus. E gozavam todos êles de grande fervor. Porque tampouco havia entre êles mendigo algum; pois quantos havia proprietários de campos ou casas, vendendo-os traziam o resultado da venda e o colocavam aos pés dos Apóstolos e se repartia, dando a cada um segundo sua necessidade”.

Esse regime de comunhão de bens, que foi possível nas pequenas comunidades cristãs (como ainda é nas Ordens Religiosas), hoje se tornou impraticável. Porque não temos mais fé. Verdadeiramente nos afastamos do ideal cristão. Com as mudanças econômicas, com os novos gêneros de vida e de governo, com o es-

Não se pode negar ser a propriedade privada um direito. Mas ninguém pode possuir com prejuízos de terceiros e do bem comum. Nisto se deve insistir com mais vigor e em nome do Deus da Justiça.

E preciso lutar por uma consciência cristã, mesmo (ou sobretudo?) entre os cristãos! Os recursos terrestres devem atingir sua destinação Providencial que é a de prover as necessidades essenciais de TÔDA a espécie humana. E nas imoralidades do capitalismo liberal, de riquezas acumuladas nas mãos de castas privilegiadas, as propriedades deixaram de ser um bem, pois perderam sua função social. O bem comum não pesa.

Onde a participação nos lucros astronômicos conseqüidos pelo suor e sangue dos trabalhadores? Mal ganham para comer (se). Os proprietários têm o suficiente para suas posições sociais e desperdiçam o superfluo em orgias e outros bichos. À mesa do trabalhador falta mesmo o necessário; ele está hoje transformado num "lázaro eterno" sem as migalhas das massas dos ricos. O capitalismo já deu provas de sua incapacidade de resolver os problemas comunitários.

O que vai pelas indústrias, comércio, acontece talvez de modo mais dramático no clima dos latifíndios: onde o agricultor além de escravo é um bicho. E eu me pergunto sem resposta (?), e conjuro os leitores, em nome de Deus: Tal situação pode continuar recebendo nosso apoio?! Onde encontrar a solução?

PAPAI NOEL X BICHO PAPÃO

Foi o título de uma crônica minha, em Campina Grande, em 10-12-61. Seu lugar aqui deseja preparar a transcrição de um trecho do pensador católico francês Claude Tresmontant. Minha crônica:

As crianças não podem entender os adultos, porque a gente grande é decididamente bizarra.

A criança que não se gastou, com seu potencial inócuo, é rica em si mesma. Por isso uma folha, um carretil vazio ou uma caixa, um frasquinho, uma boneca, podem fazê-la feliz. A criança é a eterna princesinha do mundo (a dona permanente do Reino de Deus).

Sua riqueza não está fora dela, por isso ela não cria "necessidades". Seu mundo é ela mesma, é sua imaginação fabulosa: "é muito pequeno onde moro".

O adulto não se contenta com o pouco. Cria um mundo enorme de necessidades. As coisas mais dispensáveis e até inúteis tornam-se necessidades imperiosas e escravizadoras (também, pela propaganda). Como não tem a pobreza de espírito da criança, sua riqueza está fora e procura se enriquecer no exterior, na matéria. Procura buscar-se fora de si mesmo, e por isso mesmo não se sacia, porque não se encontra. Seu mundo é tão grande (...) que o dispersa, que o desagrega.

E a criança (ver o Pequeno Príncipe) não conseguiu entender o adulto que se gloria de sua maturidade

física e que perdeu a verdadeira riqueza: o espírito de infância.

Para “enganar” a criança inventamos alguns mitos. E gozamos com nossa astúcia... Criamos alguns tipos, dos quais tiramos partido, muitas vezes...

Mas a criança cresce, se desencontra com nossas mentiras, e passa ao nosso mundo “real”, aceitando outras mentiras maiores, para viver melhor... Mentiras sociais, comerciais, oficiais, maoquista e conscientemente aceitas, mas agora sem nenhuma poesia e encantamento. A pressão ambiente, a mentira da sociedade nos forçam a aceitar. Mas, continuamos livres, livres, livres...

A criança aceita PAPAI NOEL que trás presente (se ela é da burguesia) ou que nunca lhe trás (e aqui é que ela não entenderá nunca o porquê de tamanha discriminação; mas é claro, sómente o “homem livre” do capitalismo “entende” e aceita semelhantes injustiças e diferenças).

A criança aceita também o BICHO PAPÃO que assusta a rica e a pobre. Mas cresce a criança e um dia, à quem-roupa, nos pergunta: “Por que você me enganou?”

Dai em diante, na idade adulta, passará a aceitar as mentiras por ela mesma.

Eis o PAPAI NOEL: Aparece sob diversas formas: Ponto 4, OEA, etc., e, sobretudo, a América do Nordeste. Procuramos nos enganar a nós-mesmos. Eles nos roubam, pressionam nossas economias (é isto o Papa João XXIII condena), mas há sempre a propaganda americanizante, sempre riquisíssima, a apologia da “liberdade”, etc., etc. E, no pior de nosso estoicismo ou massoquismo, defendemos a injustiça capitalista.

E a figura do BICHO PAPÃO é mais impressionante ainda: Também tem diversas formas: Os que clamam por justiça (são os agitadores...), os elementos bem in-

tencionados chamados de “esquerda” (porque pensam direito!), etc., etc., e, sobretudo, o Comunismo Soviético.

Dia 5 (12-61) a Cidade amanhaceu bombardada pelo esbanjamento de dinheiro, em propagandas carísimas contra o Bicho Papão. E os assalariados, o proletariado, vêm tal esbanjamento revoltados. Têm fome, trabalham como escravos e não têm o necessário ao sustento também dos seus.

Mas, enquanto o Bicho Papão na infância assusta mais a criança pobre (cuja fome cria uma imaginação sempre horrível), na idade adulta assusta apenas os ricos que defendem únicamente seu tesouro (sobretudo porque sabem como foi adquirido...). A pobreza despreza o Bicho Papão que os Americanos inventaram e que lacerdas divulgam; porque a pobreza brasileira não tem mais o que perder. Descreve e desafia um sofrimento maior do que este em que vive atualmente. Seu “campo de concentração” só pode lhe dar fôrcas para suspirar por um mundo novo que se esboça! Um mundo de mais justiça, onde se lhe considere pessoa humana, como é o desejo de Deus.

minário Novos Rumos assim o reconhece ao transcrever o mesmo trecho que nós, com o seguinte comentário:

“Marxismo e Cristianismo” é o título de um artigo da autoria do escritor católico francês Claude Tresmontant, doutor em letras pela Sorbona, professor de Filosofia e membro do Centro Nacional de Pesquisa Científica, autor de várias obras de caráter religioso. O texto completo de seu artigo foi publicado entre nós pela revista “Síntese” (nº16), órgão oficial do Instituto de Estudos Políticos e Sociais da P.U.C. (Rio) e da Esc. Sup. de Adm. de Neg. da Ação Social (S. Paulo). Reproduzimos aqui parte do artigo de Tresmontant como testemunho de um novo estado de espírito entre os círculos católicos em relação ao Marxismo e, portanto, ao socialismo. Por mais restrições que possamos fazer ao trabalho de Tresmontant, — e as temos, várias — élé traduz a disposição crescente em certos meios católicos em favor de uma colaboração estreita com marxistas no terreno das lutas políticas e sociais, o que, em vários países católicos, inclusive no Brasil, vai se tornando uma realidade?

“Vamos agora examinar outro aspecto do marxismo, o que poderíamos chamar de humanismo marxista a sua ética. O homem Karl Marx é, sob certos aspectos, admirável. Em vez de viver tranquilamente como professor numa universidade alemã, com todas as honras, bem alimentado e bem pago, preferiu ocupar-se do proletariado oprimido na Alemanha, França, Bélgica, Inglaterra, enfim, no mundo inteiro. Em 1840, na Europa, a exploração, a opressão do proletariado pelas classes possidentes era criminosa a um ponto que

MARXISMO E CRISTIANISMO

Deixei claro, e é necessário insistir, não confundir Igreja com os homens da Igreja, mesmo se purpurados. Não é verdade, mas se todos os homens da Igreja estivessem com o antipovo, ainda assim não se poderia caluniar a Igreja. Porque a Igreja é o Evangelho, é Cristo, e Cristo tem sua posição definida. Mas, graças a Deus, a gente vê crescer o número de sacerdotes (e até bispos) cuja solidariedade com os anseios do povo é consoladora. Muitos sacerdotes brasileiros já acordaram (a fim de que alguns milhões de brasileiros possam ter o direito de dormir). Diz o Pe. Antônio Melo que já se pode enumerar 1.000. Pode parecer exagero, mas devemos nos lembrar que alguns não se manifestam (infelizmente; ainda reconheçamos o perigo...). Na lista, devemos escrever o nome do PADRE José NOGUEIRA MACHADO em maiúscula e pronunciá-lo de pé. É jesuíta como os não menos valorosos Pe. Henrique Vaz e Pe. Ozanan de Andrade. E dizer-se que jesuíta não se salva. Pombal tinha suas razões, mas há muito jesuíta excelente! Em todos os Estados e mesmo Dioceses, sempre iremos encontrar sacerdotes pensando em temor da ascensão do proletariado, como o grande Mons. José Bonifácio de Araújo, a melhor expressão sacerdotal que conheci.

Passemos agora à transcrição prometida. Claude Tresmontant é católico e, portanto, é Igreja. E o se-

excede nossa capacidade de imaginação. A exploração de homens, mulheres, crianças, o trabalho de dia e de noite, as condições de vida, constituiam um quadro que pouco se diferenciava daquele que apresentava a escravatura na antiguidade pagã.

Ora, na Europa eram classes sociais que se diziam cristãs que cometiam, calma e industrialmente, êste crime contra a humanidade.

MARX resolveu ocupar-se desta humanidade oprimida, esmagada por condições de trabalho e de vida desumanas. Como Moisés foi socorrer os hebreus oprimidos pela mão do Faraó do Egito, MARX empunhou-se em libertar do cativeiro do capitalismo o proletariado oprimido.

Quem, entre os cristãos do século passado, viu tão claramente a extensão e a natureza do crime cometido contra o homem pelas nações e classes sociais ditas cristãs? Quem, entre os cristãos do século passado, se empenhou em pôr fim a êste crime, em libertar os irmãos oprimidos, explorados, aviltados, desumanizados?

Procurando muito, encontraremos alguns que podem ser contados nos dedos da mão. MARX, judeu, ateu, foi quem veio socorrer esta humanidade esmagada, explorada, oprimida, aviltada por um sistema econômico desumano. Por isso, o cristão deve saudar em MARX um dos grandes tipos, um dos mais admiráveis espécimes da humanidade. E o cristão devia meditar que, de fato, os primeiros a denunciarem êste crime cometido por uma sociedade dita cristã contra homens, mulheres, crianças, deviam ter sido êles, os próprios cristãos. Mas, esta lição nos foi dada por MARX, para a nossa vergonha.

Se MARX, e posteriormente o movimento revolucionário marxista, é ateu, é em parte porque MARX en-

controu, do lado dos opressores, sociedades que se diziam cristãs e religiosas e que se utilizavam do cristianismo como uma arma, um alibi, um ópio para manter essa ordem injusta e criminosa e para preservar seus priviléjos, pregando aos pobres a resignação. Enquanto os maridos exploravam os operários e acumulavam fortunas, as mulheres dedicavam-se às obras de caridade e davam esmolas aos que tinham sido reduzidos à miséria pelos maridos. O Clero daquele tempo, *como agora*, não denunciou com bastante vigor a impostura dessa situação e a farsa a que ficou reduzido o cristianismo.

O cristianismo é pela paz, mas não é menos péla justiça. E as sociedades que oprimem e exploram são as menos indicadas para condenar os movimentos revolucionários que usam de uma violência transitória enquanto elas mesmas instauram um regime de violência permanente, pelas condições criminosas de vida e de trabalho que mantém à custa do exército e da polícia.

E preciso salientar que países e classes sociais ditas cristãs se utilizaram de tal modo do cristianismo que, hoje em dia, nações inteiras não sabem mais o que é o cristianismo. Este foi desonrado, desfigurado, massacrado. E para todos os indianos, africanos, chineses massacrados, torturados, escravizados, humilhados, explorados, aos olhos de todos os proletários do mundo a máscara que foi imposta ao cristianismo é marca da violência, da impostura, do dinheiro, da aliança entre o canhão e o banco. Como dizia o Pe. Houang, foi o Ocidente que pregou o Evangelho, mas foi o Oriente que carregou a Cruz. São incontáveis os crimes praticados pelas nações e sociedades ditas cristãs. O nome de DEUS foi desonrado entre as nações. Portanto, não há nada de extraordinário que os povos se afas-

DEUS. Vê-se que as duas perspectivas não se situam sobre o mesmo plano, nem são da mesma ordem. O cristão pode compartilhar com o marxista a esperança humana que a êste anima, mas, o marxista não compartilha da esperança sobrenatural dos cristãos, que é o ponto de convergência de todo cristianismo. É possível fazer juntos um trecho da jornada, a jornada da construção temporal, sob a condição de que, na escolha dos meios, o marxista e o cristão possam chegar a um entendimento. Mas o cristão não pode deixar de considerar como uma mutilação esta redução do homem a um estado de pura natureza, qual a professada pelo marxismo, uma vez que, segundo o cristianismo, o homem é essencialmente um ser capaz de DEUS, um ser dignável e portador de um destino sobrenatural.

* * *

tem do DEUS que os cristãos lhes pregararam, enquanto cometiam todos êsses crimes. São os cristãos os principais culpados e responsáveis pelo ateísmo marxista, porque os cristãos desonraram o nome de DEUS pelos seus crimes. Enquanto os cristãos ignorarem êste fato fundamental, não haverá trégua nem solução para a oposição entre o mundo marxista, ateu, e o cristianismo.

A cristandade deve primeiro confessar humildemente seus pecados, seus crimes; depois, arrepender-se dêles e provar a sinceridade de seu arrependimento, nunca mais os cometendo e construindo uma ordem humana justa e fraternal. Só depois os cristãos poderão recriminar os marxistas por serem ateus. Por que a conversão dos cristãos ao cristianismo, como a conversão de Israel ao seu DEUS, não coincidirá de perío com a ressurreição final?

O cristão não é obrigado a confessar pecados dos outros, mas é obrigado a confessar os próprios. Os cristãos não são obrigados a acusar o marxismo e os marxistas, mas antes obrigados a examinar como foi possível que o marxismo tenha chegado a considerar o cristianismo como uma potência de opressão.

Entretanto, continua justa e necessária a preocupação de analisar as diferenças fundamentais que existem entre o humanismo marxista e o humanismo cristão: O humanismo marxista é milenarista. Crê em um reino de justiça, em um reino messianico que deve realizar-se neste mundo. Considera a humanidade libertada das alienações econômicas como a plenitude, o pleroma da história humana, como sua fase final.

Para o cristão, a criação presente prepara uma criação nova, que é propriamente sobrenatural. Segundo o cristianismo, o homem é chamado a um destino sobrenatural, que é a participação na própria vida de

Estas observações preliminares permitem-me agora examinar as questões formuladas no inicio deste artigo.

Sim, os cristãos têm algo a aprender do marxismo, do socialismo, dos marxistas, dos comunistas e dos socialistas.

Devem aprender dêles muitas vêzes virtudes humanas, valores humanos de razão e de justiça que jamais deveriam ter deixado perder-se, mas que, de fato e freqüentemente, êles, os cristãos, como as sociedades e nações chamadas cristãs, abandonaram e perderam. Os não-cristãos podem ensinar aos cristãos muitas lições de virtude, de razão, de justiça sobre valores humanos do trabalho e da fraternidade. Nem há razão para um católico escandalizar-se com isso, porque, do ponto de vista da teologia católica, as verdades da razão e as exigências da justiça são acessíveis a povos

não judeus e não-cristãos, fora do povo de Deus e da economia da revelação. E o que SÃO PAULO expõe no início da Epístola aos Romanos. Os pagãos podem trazer ao cristão, ou levá-lo a recuperar, verdades que deixou a perder ou que não soube descobrir primeiro. O marxismo levou os cristãos à redescoberta de valores humanos essenciais que as sociedades e nações chamadas cristãs e, às vezes, mesmo o ensino cristão, haviam negligenciado. Tais valores são claros: o sentido do trabalho humano, em particular do trabalho manual; o sentido da justiça e da coletividade. Não de raro os cristãos se contentaram com uma moral na qual o pecado individual ocupava todo o campo da consciência. Confessam um pecado de gulodice, ou de sensualidade, mas toleraram sem remorsos massacres, genocídios, a opressão do homem pelo homem, a injustiça industrial, as favelas, as guerras nacionalistas. O cristão também deve reaprender do marxismo o sentido e o valor da realidade material, física. Por vêzes, em muitas consciências cristãs, o cristianismo se reduziu a vago platonismo. O marxismo, por sua violenta reação contra o idealismo, traz um contrapôs útil; de fato, os cristãos, o pensamento cristão, o sindicalismo cristão, o pensamento e a ação política cristã já aproveitaram muito do marxismo e dos marxistas.

Vê-se, assim, como de certo modo, se ousarmos dizer, DEUS procede de maneira dialética. Quando a cristandade perde valores humanos e cristãos fundamentais. Ele suscita contra o cristianismo adversários que militam em nome desses mesmos valores perdidos ou negligenciados, e anuncia de novo ao mundo, e aos cristãos em particular, essas parcelas perdidas da verdade e da justiça.

O que é inadmissível é uma concepção dualista e maniqueia nas relações entre cristianismo e marxismo.

O mundo marxista não coincide totalmente com o reino das trevas, com o reino de satã. O marxismo não é total e inteiramente perverso. Nem tudo nêle é falso. Por outro lado, o mundo dito cristão, o Ocidente, não coincide com o reino da luz. Não é ainda a civilização cristã. As nações que se dizem cristãs admitem ainda o regime de escravatura industrial, o racismo, a exploração do homem pelo homem, as guerras nacionalistas, os massacres e as torturas. As relações entre cristianismo e marxismo são mais complexas do que pretendem os paladinos da luta anticomunista. Os cristãos têm muito que aprender e muito que receber, no plano dos valores humanos, dos revolucionários marxistas da revolução marxista, do mundo comunista.

Isto não significa, inversamente, que tudo seja luz nos arraiais comunistas. Destacamos as divergências fundamentais no plano filosófico e humano entre cristianismo e marxismo. O discernimento dessas divergências nos deve preservar de um progressismo simpatista. Os cristãos têm muito que receber dos marxistas, mas êsses têm mais ainda que receber do cristianismo, o qual, em princípio, deve ser comunicado pelos cristãos aos seus irmãos marxistas.

Em qualquer hipótese, a guerra entre os dois campos não é a solução cristã, mas uma solução paga. O anticomunismo sistemático e fanático é, o mais das vêzes no mundo, o álibi e o pretexto que mascara interesses sórdidos. Pretende-se defender a "civilização cristã" pela metralhadora e a bomba. Na realidade, defendem-se interesses particulares. O cristianismo e o reino de Deus não se defendem pela espada, a metralhadora e a bomba atômica, mas pela justiça, a verdade, a caridade fraterna, a inteligência e a paz. É historicamente compreensível, em certas exigências marxistas, em certos valentes evangélicos. Isto porque, em pri-

à opressão, à exploração e, a fortiori, ao massacre, é incompatível com o cristianismo. Quando os cristãos fizerem uma política cristã, os revolucionários já não terão razão de ser anticristãos. Os cristãos devem renunciar a um platonismo que faz da religião uma evasão do mundo, um pretexto a tôdas as injustiças neste mundo, um alibi para os exploradores e opressores. Os cristãos devem estar presentes na primeira fila na luta pela justiça social, política e econômica, na luta contra o racismo, na luta à idolatria que faz da nação uma divindade. Todo cristão deve ter um largo sentido universal. A humanidade é uma. As raças não são espécies diversas, mas variações superficiais da mesma espécie humana. A nação é uma realidade provisória, por vezes útil e legítima, mas não é um absoluto. Também ela está sujeita às exigências da justiça".

meiro lugar, MARX vivia numa civilização penetrada de judaísmo e cristianismo e, porque, querendo ou não, os homens são impregnados dêstes valões trazidos pelo cristianismo mesmo quando não os põem em prática. Além disso, como já notamos acima, os valões de justiça e de fraternidade humana são acessíveis pela razão a todo homem, mesmo àqueles que se encontram fora da revelação e da adesão ao judaísmo e cristianismo. Entim, não está excluído que Deus comunique seu Espírito a homens que, em princípio, estão fora da economia cristã. O Logos divino trabalha todo homem que vem a este mundo, seja él cristão ou não. O Espírito de Deus sopra onde Ele quer. Um pagão pode muito bem dar a cristãos lições de caridade, pela sua vida e seu pensamento. A vida de MARX, toda consagrada à libertação do proletariado, a vida de MARX, que conheceu anos de miséria intensa, na qual perdeu três filhos, é mais rica em caridade autênticamente vivida que a vida de muitos cristãos. Marx e sua família vieram a pobreza em condições atrozes. Toda a sua vida lutou por aquilo que pensava ser a justiça e a libertação do homem. Devemos inclinar-nos profundamente diante dêsse homem ateu e generoso.

Certamente a fidelidade ao cristianismo obriga o cristão a uma luta encarnizada contra a exploração do homem pelo homem, contra os sistemas econômicos injustos, inumanos e desumanizantes, contra tôdas as formas de desumanização. Não pode legitimamente concentrar-se na busca egoísta da perfeição individual, a qual só se pode realizar através de uma luta pela instauração da justiça e da paz sobre a terra. Não se pode desinteressar pela vida política, e nem toda política é compatível com o cristianismo. Qualquer política que conduz a desumanizar o homem, em qualquer ponto da terra, que conduz ao aviltamento, ao empobrecimento,

trajes, mas suas batinas (de sêda) apresentam-se sempre impecavelmente passadas".

E de se imaginári duas coisas. A santa inveja de tantos outros, tão elegantes quanto, e que não tiveram a sorte do Monseñhor. Sim, porque a vaidade nesse sacro terreno é mais séria que a chamada mundana. Aliás, justiça seja feita, elegância é quase uma prescrição canônica... Imagino ainda tanto a deceção dos que estão empenhados em têrmos de redengão popular, como a amargura dos que ainda podem comprar *Manchete* além da modesta comida diária, lendo uma reportagem dessa.

Mas o pior é que o caso não é exclusivo do Mons. Nabuco. Ele apenas representa uma casta de elegantes. A disparidade econômica também dentro do Clero é clamorosa e injustificável. Também aqui (ou pelo menos aqui) urge uma melhor socialização das riquezas. Tomando o Rio como ponto de referência, há Padre ganhando a bagatela de Cr\$ 700.000,00 mensais e há os que mal conseguem comer (sem poder alimentar a esperança de vir a figurar numa outra lista dos 10 MAIS, a não ser dos 10 mais famintos do clero).

Não estou condenando o inocente Mons. Elegânciaria. Pode ser que a culpa disto não deye Ihe ser arribuida. Trouxe o caso, porque o fato é sintomático e mais comum semelhante mentalidade do que se possa imaginar. E não precisa ser um especialista em observações para isto verificar. Nenhum bispo lhe negará jurisdição por isto. Nem por outras... Mas o Pe. Álpio de Freitas não pode nem mesmo celebrar na Arquidiocese do Rio de Janeiro.

ENTRE OS 10 MAIS

O mundo todo geme ante a angústia da desproporção das riquezas na terra. Um clamor surdo está presente nos corações de todos. Dos que sofrem fome e nudez; dos que se solidarizam com os miseráveis na busca de um mundo melhor, menos cruel que o mundo capitalista que se divorciou completamente do cristianismo.

Neste momento histórico de terríveis transformações e ameaças, o próprio Papa João xxiii lançou ao mundo cristão um manifesto, um apelo de Pai da Cristandade, que élé vê, como Cristo, descrustanizado. Sobe aos céus ao Deus da Justiça Social o clamor do Papa pelos menos favorecidos.

E, enquanto nos debatemos, com tantas apreensões, tanta fome e luta, a gente vê (não sei com olhos), em *Manchete* nº 561, numa de Ibrahim Sued, um ilustre e bem nutrido Monsenhor colocado entre os "10 MAIS" elegantes do país; com um vitorioso sorriso, seguro de si; vai bem; sucesso, diz o Sued.

Acompanha o retrato do primeiro dos 10 mais, o seguinte texto:

"Mons. Nabuco é filho do Emb. Joaquim Nabuco, que foi um dos homens mais elegantes da "belle époque", a ponto de ser chamado de "Quincas, o Belo". Como prelado, élé pouco varia de

252597 17/4-55/66

BIBLIOTECA

INSTITUTO FEDERATIVO DE CIÉNCIAS HUMANAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

A XV ESTAÇÃO

Sabemos serem 14 as Estações da Via Sacra de nossa Salvação espiritual. Quando Cristo resolveu carregar em seus ombros a nossa Cruz, desejava também nos dar exemplo de caridade verdadeira, de uma doação efetiva e desinteressada. Era zélo verdadeiro pela Casa do Pai e Morada dos Homens. Sem tapeação, sem busca de recompensas pessoais, nem defesa dos superdefendidos detentores do poderio econômico e político.

Foram 14 Estações bem realizadas, pensando exclusivamente em nós, em todos nós; também nos que se dizem seus inimigos ou inimigos dos seus.

O grande Apóstolo escreveu, ao experimentar em sua carne o sofrimento consequente de sua ardente caridade apostólica: "Completo em minha carne o que faltou à paixão de Cristo". Teria sido incompleta a Paixão de Cristo? Não e não. Apenas quis Ele nossa participação. Nosso sofrimento é também redentor, porque unido ao d'Ele.

Verdadeiramente vivemos e nos preparamos para a morte, num "vale de lágrimas". E isto, normalmente, pelo simples fato de havermos nascido. E portanto, mesmo sem viver no submundo (geração natural do capitalismo). O sofrimento é, pois, patrônio comum e natural. O sadismo capitalista apenas o agrava: acontece que os detentores (ou usurpadores) do dinheiro do

povo, acreditam, firmemente, Deus ter criado uma sub-humanidade, especialmente para o serviço deles. E levam isto às últimas consequências.

* * *

Recentemente, caiu-me nas mãos mais um livro daquelas destinados a comover incertos, acostumados a suspiros religiosos. Da "espécie" já vi vários. Todos êles conoventes. Como as mentes dos autores. Esse a que me refiro traz o significativo título "XV ESTAÇÃO".

Por êsses tipos de livros, a xv estação da via-sacra humana pertence aos "perseguidos" da famosa "Igreja do Silêncio" do mundo vermelho. É monopólio daqueles sofredores!

Uma vez tive de enfrentar um indigesto diálogo com um desses "perseguidos" que andava pelo Brasil afora, não sei com que finalidade, numa pregação (ou campanha) caríssima, contando e comovendo gente de chôro fácil. Bem nutritivo, simpático, com aspecto angelical, fala doce, viajando sempre de avião, com fácil dinheiro americano.

O sucesso era sempre fácil e palpável, nos vários lugares. Cobertura dos mais variados vigários, bispos e diários associados (na falta de "O Globo").

Vinha da Rússia. Entrara lá como invasor, no Exército fascista da Itália. Teria sido preso em qualquer outra nação aliada. Mas sendo da Rússia a prisão viria indústria rendosa. E era um dos casos.

A descrição dos sofrimentos infndos contrastava com o tipo físico que víamos. Devia ter morrido ao menos depois, em consequência... Caso contrário, ou apelaremos para um espetacular milagre ou estamos

dante de um chantagista. (Acho melhor acreditar na primeira hipótese).

Perguntei ao Ex-sofredor quantos anos havia padecido. "20 anos", foi a resposta. E eu disse que naquela terra que élê pisava (com vontade de afundar), um trabalhador sofría cruelmente a vida tôda (se se pode chamar isto de vida; a menos que "vida da morte"). Apelou para os "Campos de Concentração" (estava disposto). Então o convidei, sem sucesso, para visitar os campos-de-concentração em que vivem-morrendo e passando fome os nossos trabalhadores. Mas são do "mundo livre", pois o que importa é ser livre. Como Zé da Silva é um homem livre...

Estava presente um repórter-integralista dos diários associados (na falta de "O Globo") e no dia seguinte uma enorme reportagem onde me afirmava defensor de idéias puramente marxistas (sic). Naturalmente seguindo o conselhinho de Voltaire: "Menti, menti porque alguma coisa sempre ficá".

E foi necessário um desmentido do Bispo. O Vigário Geral escreveu um folheto mais popular que foi distribuído na Cidade. Trazia o título: PADRE COMUNISTA. Eis o texto:

"Há certas pessoas, neste nosso Brasil, que não podem ver um Bispo ou um Sacerdote trabalhar em defesa dos inalienáveis direitos dos pobres e injustiçados. Sobretudo se êsse trabalho se conduz de frente erguida, e põe às claras métodos, mentalidades e comportamentos inteiramente contrários aos princípios da justiça, social, perene inspiradora da doutrina social da Igreja.

Sem mais nem menos, êstes consagrados desbravadores de um mundo novo são apelidados de comunistas. Ainda mais: fichados como agitadores...

Felizmenie esta tática já está desmascarada. E, o que é melhor, não conseguiu, como não conseguiu já, mais, mudar a verdade dos fatos.

Quinta feira passada o "Diário da Borborema" fêz questão de cantar no côro dos que patrocinam esta campanha injusta. Assim, em apreciações à pregação social do Padre Aloísio Guerra, taxou-a de puramente marxista-comunista, fêz referências à sua ação perturbadora, etc..

Então, que prega o Padre Aloísio? E quem está perturbando?

Aqui achamos melhor que o sr. Repórter interroga os operários de todos os bairros da Cidade, êstes gigantes que fazem a nossa grandeza. Os universitários e secundaristas de tôdas as nossas escolas superiores e colégios, autênticas vocações para a liberdade e justiça. A laboriosa e respeitabilíssima classe dos Professores. Os Vereadores da nossa Câmara. A luzida turma dos Bancários. Os Universitários de Recife e João Pessoa, todos homens cultos, leais e progressistas. A Comunidade da Catedral onde élê é vigário-cooperador. O Sr. Bispo Diocesano, que responde pela integridade da doutrina em sua Diocese. A encíclica MATER ET MAGISTRA.

Padre Aloísio, como se vê, não pregou nada em segredo, falou às multidões.

Feita a pesquisa, queira o sr. Repórter do "Diário da Borborema" apontar-nos o que há de marxista nesta doutrinação.

Não discutiremos a maneira com que foi recebido o homem de imprensa, na Casa Paroquial. Apenas sabemos muito bem que quando alguém tomou sobre si o sofrimento e a miséria de todos os explorados perde

um pouco aquela delicadeza que facilmente se encontra entre pessoas que vivem no conforto.
as.) MONSENHOR JOSÉ BONIFÁCIO
Vigário Geral — Pároco da Catedral.

* * * * *
Quem está real, efectiva e permanentemente com a CRUZ às costas, na xv Estação, complementando a Via Sacra de Jesus?

Os "perseguidos e sofredores" da "Igreja do silêncio" passam por ela muito acidentalmente, por tempo determinado. Acostumados a uma maneira burguesa de viver e pensar, com a imaginação sempre fecunda, privilegiados, o "sofrimento" assume proporções assombrosas. E quando contado, em livro ou sermão, no "mundo livre", fica sempre do tamanho irreal do peixe que o burguês (não) pescou em suas viagens de fim de semana...

Se contado ao operariado, éle dá de ombros. Porque seu sofrimento é mais real, diário, numa duração de 365 dias anuais e a vida tôda (de jejum e penitência forçados, de humilhações, de promessas, de revoltas, de liberdades mentirosas, etc.). Porém, seu sofrimento não rende nada quando contado. Nem mesmo haverá auditório para tanto. E qualquer um vira logo "COMUNISTA" se tentar contar por él. Se fôr Padre perderá a jurisdição na Arquidiocese do Rio de Janeiro...

Verdadeiramente, não é por nada que se costuma dizer "pobre vive de temioso" (no mundo livre). Na bôca do proletariado pode se colocar o clamor bíblico: "Ó vos que passais pelo caminho, vêde se há dor semelhante a minha dor!"

Cristo sabia muito bem porque dizia ter vindo evangelizar os pobres. São seus mais próximos seguidores. Não foi contra simples trabalhadores que Cristo usou o chicote para expulsar gente do Templo!

* * *

Onde se encontrava o Clero por ocasião das Revoluções Francesa e Soviética? Com o povo espoliado ou com os nobres? É preciso honestidade, verdade e coragem para se pensar na resposta exata. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, quem realmente os pregou contra as luxuosas cortés?

Ora, o povo sobe para governar e esse tipo de Clero quer continuar no privilégio como vivia na bajulação das cortés. Trai o povo e não quer lhe prestar contas. A justica não deve ser para todos? Assim se comprehende porque seus "sofrimentos" são tão grandiosos a ponto de dar livros, prestígio no "mundo livre" e renda. Naturalmente, viveram uma etapazinha que valeu a pena...

XV Estação, heim! Os pobres carregam a Cruz no trabalho forçado e escravizador a vida tôda, e meia-dúzia de espertos viram cristos.

Mas Deus vê o que o mundo livre procura esconder. Ninguém se engane, as coisas estão mudando... O Gigante já não parece tão contente com o hergo esplêndido. Um dia terminará se levantando. Com os clamores dos que sofrem no trabalho escravo do mundo livre. A ascensão do proletariado está passando da simples esperança para a realidade; é uma predestinação! Pois, "é uma tendência NATURAL do homem à socialização" (se não é êste o sentido das palavras expressas na MATER ET MAGISTRA deverá ser o Papa a contradizer; não aceitamos a interpretação dos autores

do nefando livro "Reforma Agrária, Questão de Consciência").

Um dia, o Proletariado repetirá como Jesus: Quem não está conigo está contra mim. Cristo nos deu belo exemplo de solidariedade. Os Ministros de Cristo, estamos sendo dignos d'Ele? Estamos ajudando o proletariado na sua interminável VIA SACRA?

MESMO CONTRA A IGREJA?

Um admirável sacerdote de Pernambuco me dizia em 1962 uma coisa terrível. Entusiasmou-se de tal modo pela causa dos humildes trabalhadores que me revelou com gravidade: "Devemos estar ao lado do povo mesmo contra a Igreja".

Uma confissão alarmante! Perdoável, certamente, por ser elle quem é. O equívoco é gritante! Mas tratar-se de um coração realmente consagrado a Deus, a ser-viço dos trabalhadores. O pensamento, tremendamente mal formulado, mostrava apenas sua inabalável fidelidade aos espoliados. Conheço suas convicções. Seria igualmente incapaz de infidelidade à Igreja (que, afinal, é também o povo).

Naturalmente, tal entusiasmo merece cuidado. Jamais o apóstolo deve perder a cabeca. E uma cabeça que pensa em térmos redentores e na direcção exata é preciosa. Necessário se faz o diálogo amigo e orientador (não proibitivo). E de se aconselhar mais oração unida à de Cristo. Dessa oração depende o êxito, a vitória operária.

Já fizemos ver, no início d'este Caderno, a Igreja não se identifica com os homens da Igreja. Seus Dirigentes, eventualmente, podem estar com o antipovo. Nem por isso a Igreja deixou de ser dos pobres. E importante isto fique bem claro. O povo também não é Igreja?

O que o Padre queria dizer era: "Devemos estar com o povo mesmo contra a opinião dos Príncipes da Igreja".

Nos seminários nos ensinaram que "é melhor errar com o Bispo que acertar desobedecendo a élé". Numa destas é que muitas vêzes se tropeça. Então, qual o sentido exato de tal doutrina? Sómente válida em matéria doutrinária (fé e moral)? Ou em sentido total? E agiremos contra a consciência pessoal? Seguir, por exemplo, uma doutrina de "Reforma Agrária, Questão de Consciência" para errar com o Bispo? Ser contra a Ação Católica nas Dioceses onde o Bispo a hostiliza? Estou a imaginar um Padre que durante um ano passasse em quatro dioceses diferentes: Santo André, Campos (ou Diamantina), Guanabara e uma de Bispo-Frade. Deveria mudar 4 vêzes seu modo de ver as mesmas coisas?

Ainda no Seminário aprendemos que o Bispo tem a "graça de estado". No julgamento contraditório da mesma realidade, a "graça de estado" continua a responável? Os Mestres Espirituais darão as respostas satisfatórias. Procurem; é importante. Não se arrisque qualquer um a responder ou concluir.

* * *

Do Padre de Pernambuco deve ficar gravado em nós seu amor, sua fidelidade à classe operária. O número destes cresce, graças a Deus. Um militante comunista confessava certa vez que várias causas fizeram dele um incrédulo. Mas dizia comovido: "Se Deus existe, eu vi Deus no Mons. José Bonifácio e no Pe. Antônio Nóbrega".

VISITAR FAVELAS NÃO BASTA

Como existem alguns sambas excelentes e gostosos sobre as favelas (Saudosa Maloca, é um exemplo) muita gente pensa que ali se vive uma vida de poesia popular, de perene boêmia.

Não resta dúvida, há maior número de Famílias faveladas mais felizes, unidas e psiquicamente mais equilibradas que Famílias de gente bem. Mas isto não quer dizer que suas vidas infra-humanas devam continuar (se considerarmos o conforto satânico dos cachorros-de-madame, teremos de falar em vidas infracaninas).

Uma visita às favelas poderia surpreender e ensinar

muito à maior parte do Clero e Alto Clero. Alguns per-

fumados não aguentariam uma visita demorada.

Conhecer as favelas poderia despertar inclusive um doentio e pegajoso sentimento de compaixão. E não é desta humilhação que precisam nossos irmãos favelados.

Dom Helder Câmara estêve lá algumas vêzes. Tenho certeza, isto lhe fez bem. É certamente um grande Préciso. Algumas de suas observações se me apresentaram com muita compreensão e sensibilidade sérias. Estamos acostumados a ouvir falar mal daquela gente chama da "classe baixa" pelos cristãos-astaltados. E Dom Helder firmou que se tivesse nascido e se criado ali seria talvez muito pior que êles.

Dom Helder resolveu, e isto foi certamente um bem, construir vários blocos de Apartamentos. O fato deu

Notem bem, não estou combatendo-a; apenas dizendo-a insuficiente.

Quem sustenta essa indústria-de-prestígio são os "cristãos de elite", por vêzes responsáveis pela miséria de seus antigos e atuais servidores.

A êsse propósito escrevi um comentário, em 1961, sobre certo tipo de nossos chamados BENFEITORES. Será o capítulo seguinte. Permita Deus, nas construções de Dom Helder não tenha entrado esse tipo de "doação"!

manchetes e popularidade. Desgraçadamente ficamos nisso. Ainda que tivesse acabado com todos os morros, teria resolvido o cruciante problema, mesmo o local? Mesmo se a obra tivesse sido total, em tôdas as favelas, a obra teria parado na metade, se nisso ficasse. Se não fosse o grande Bispo que é, seríamos tentados a considerar a obra mero assistencialismo. Pelo menos por não ter havido promoção dos favelados. Os problemas chaves (e chagas) sociais esperam dois tipos de soluções: um a curto prazo e outro a longo prazo.

Chamar a si apenas um dos dois, seria como um caminhado coxo. Outras palavras, devemos estudar as causas da miséria. E atacá-las. Mesmo desagradando aos responsáveis...

Para agirmos, pois, com a seriedade de quem quer realmente resolver, sem demagogia, daremos o pão para não morrer de fome, enquanto esperam pelas mudanças, pelas reformas econômicas. E lutaremos pela construção de uma economia mais humana e cristã, numa melhor distribuição das riquezas nacionais. Se apenas dermos presentinhos e comida em "natais de pobres" (próprios para mostrar "generosidades"), o problema toma características eternas. E aqui que os mais devotos (sabotadores do povo) dirão resignados: "Pobres sempre teréis entre vós".

Ora, pobreza sim, não miséria. Uma resignação assim é crime: clama aos céus e alegra os infernos!

Infelizmente, de modo geral, Sacerdotes e Bispos tem gasto tempo quase exclusivamente com as soluções imediatas, numa caridade cheirosa e piedosa; e não será calúnia afirmar: alguns buscando prestígio junto ao Bispo e popularidade junto aos fiéis. E êsse tipo de trabalho tem dado muito cônego... Enquanto isto, o problema brasileiro continua desafiando a tal piedade!

não ser que seja benfeitor-de-si-próprio (e malfeitor dos outros).

A mágica é a seguinte: Quando o homem-que-gabenha-demais não quer pagar todo o impôsto (todo, isto é, aquêle que é registrado para pagar), a lei deixa-lhe uma "facilidade". Todo dinheiro dado para uma instituição de ben-comum (assistencial, por exemplo) é descontado no TOTAL A PAGAR (aliás, total deve ser escripto em caixa-baixa). Notem bem, por favor, o dinheiro é presente do Governo. Vejamos como funciona agora a "química", como é transferido esse dinheiro: Chega o Sonegador e se apresenta, por exemplo, ao Vigário. "Padre (começa santomamente, com voz de paizinho), gostaria de ajudar as obras sociais da Paróquia". O Padre, edificado com tanta generosidade, eventualmente faz o elogio de corpo-presente. O Homenzinho assume ares de santo protetor, espécie de anjo-daguarda.

As Paróquias, infelizmente, para vergonha dos cristãos, vivem em eterna dificuldade, uma vez que o cruzinho dominical não sobe para dez. Os pacotes de "abobrinhas" são postos em cima da mesa, sedutoramente. O Vigário comeceia a planejar melhorias nas suas obras. A Providência Divina pulta no pensamento do Padre.

Mas eis o golpe, a frasezinha que vem dos infernos da desonestade, sai entre os dentes, como se tratasse da venda de objetos contrabandeados. Negócios escusos. "Tudo isso te darei se prostrado me adorares (Mt. 4,10)". Vejam a cruel semelhança: "Padre, darei tudo isso se o senhor assinar que recebeu o duplo". Só isso... Se assinar (e há quem assimile) torna-se cúmplice; mas ficará freguês... Ficará também amarrado. E nunca mais terá a liberdade de pregar a Palavra de Deus na íntegra; tem que adotar certas afirmações sobre justi-

BENFEITORES, HEIM!

Meus amigos, precisamos distinguir benfeiteiros de benfeiteiros. Infelizmente, nosso português comporta, na mesma palavra, uma multidão de sentidos. Não falo apenas do caso gramatical de homônima (onde manga é fruta, é verbo, é parte da veste). Mas ao sentido que vai perdendo ou vai adquirindo. Onde "benfeitor" não é mais aquêle que dá, mas aquele que rouba. E então, como distinguir o doador do ladrão, se ambos são chamados de benfeiteiros?

O dinheiro cega. O dinheiro embutece. O burguês se torna um burro por princípio e por ética; também por conveniência (raposismo). O burguês é das aparências. Quer ser chamado doutor sem ser formado; coronel ainda tenha sido um dispensado da classe "d". É a bajulação procurada, retratada no "edição balança mais não cai". Ser gente bem, ser society, hum! Ser considerado, olhado, venerado...

Então tudo fazem para ver seus nomes gravados em placas, retratos inaugurados, proclamadas suas "benfeitorias" (são as moedas condigões impostas, jetosamente). O que fazem por conta própria para seus empregados não passa de obras paternalistas, humilhantes, onde aparecem como os papais bonzinhos.

Mas, o que queremos explicar agora, o alvo de nosso interesse são suas "doações" às obras pias. Aqui é que a palavrinha BENFEITOR recebe um sentido novo. A

tica social; contornar, dar sentido mais amplo, simbólico, à justiça e à honestidade.

Aí está o benfeitor descovertio. Fixem. Isso existe, amigos! Não é parábola, nem anedota macabra, nem mito. Não diz o canto que "nem tudo que reluz é ouro"? As aparências enganam demais. Mesmo onde não se espera. Nossos olhos não vêem, nossos ouvidos não ouvem, nossos sentidos não sentem a realidade mesma. Percebem apenas as aparências. O que parece mas não é.

É o caso. O caso que o Governo deve examinar melhor. Examinar não, rever a lei. Rever, isto é, cortar essa marnata. Receber todo o impôsto sempre. E fazer enfão uma percentagem distributiva para as obras assistenciais. Porque assim estamos sendo roubados. Roubad o fisco, por não receber, e roubadas as obras sociais que recebem a metade (se metade) do que dizem receber.

Não colabore o Governo com essa forma elegante de roubar: vejam que o dinheiro é dado pelo Governo. Ele dispensa parte do impôsto. E o ladrão "benfeitor" transfere metade (os melhores) para receber o precioso título; privilégio brasileiro: ladrão como benfeitor. Ladrão de cadeia é apenas o que tira uma abobrinha ao "benfeitor". Brasil, ó meu Brasil, até quando?

LIGAS CAMPONESAS E SINDICALISMO

A Juventude Agrária Católica (JAC) é um dos setores da Ação Católica especializada. É um dos setores mais antigos e dos mais inexpressivos e inoperantes, infelizmente.

A Ação Católica é uma das raras e melhores promações do laicato, na Igreja. Em tôdas as manifestações os adultos têm sua atuação como tais. Na Igreja Clericalista (contra isto leia-se a 4.ª parte da Mater et Magistra) permanecem todos crianças. Nunca atingem a maturidade. Sempre devem se comportar bem e carregar segurando na mão do Padre Babá. Isto explícita, em parte, a dificuldade de muitos para a prática religiosa e seu consequente afastamento (mesmo parcial).

A Ação Católica é um movimento de elite (aqui no bom sentido). Cada vez mais eficiente em seus métodos e estudos, os movimentos estudantis de JEC e JUC atingiram alto grau de maturidade. Veja-se, por exemplo, o programa da JEC para 61-e-62: Justiça Social. E numa linha excelente, corajosa, verdadeiramente cristã. Tanto assim que... Bem, é melhor parar por aqui...

A JAC, entanto, marca passo! Lamentavelmente. Não conseguiu atingir o camponês. Em algumas paróquias é uma mera Associação Religiosa, agregando os bonzinhos. Não é, absolutamente, um movimento po-

Outra oportunidade constante que igualmente se esperava para a politização do homem do campo são as "Semanas Ruralistas", promovidas pelos Bispos e abençoadas pelo Ministério da Agricultura.

A última a que assisti foi ótima, graças ao corajoso Vigário que, apesar de ido em anos e cônego, resistira, com sucesso, ao desejo episcopal que a exigia não-reivindicativa. Chegou a sugerir escolher outra Paróquia (o que seria fácil...). Mas a Semana se realizou com êxito porque o Vigário teve uma atuação decidida. Infelizmente, o fato é raro. De modo geral, as "Semanas Rurais" são incolores, sem despertar qualquer interesse.

E o camponês continua sendo o joguete escravo dos latifundiários. Sem personalidade, tímidos (também diante de "seu vigaro", que é mais próximo do coronel). Ora, diante disso alguém tinha de tomar uma iniciativa. Os cristãos e seus Dirigentes, as vezes, "glacialmente indiferentes a este mundo", jogando fora oportunidades e veículos excelentes. Sabemos que "o Espírito de Deus sopra onde quer". Assim surgiu a figura de Francisco JULIÃO. Então o Clero acordou; mas assustado; e, ainda neste estado de solonência, em lugar de procurar superar JULIÃO, numa concorrência leal, na qual lucrasse o camponês, procurou simplesmente atacar o homem. Liga Camponesa era a filhinha mais nova do Bicho Papão.

Foi então que a geração espontânea produziu a salvação: Sindicato Rural...

E Natal passou a ser, como era de esperar, a Central do movimento. A distribuição de leite em pó se entusiasmou. E criou novos postos de distribuição (sindicatos). Os "sindicatos" estão surgindo abundantes. Há lugares em que os coroneis ajudam os bons vigários a "sindicalizarem" seus escravos. Naturalmente, um

pular. É verdade que a Ação Católica não se propõe ser movimento de massa. Mas, deveria sê-lo nos setores de JAC e JOC. Pelo menos deveria se pensar melhor nessa possibilidade.

É no mundo rural onde a Igreja no Brasil conta seus mais decididos membros; pena não possamos dizer *convictos* em lugar de *decididos*. É a gente mais candida da Igreja. Dolorosamente, damos a impressão de que há interesse em assim conservá-los. Tanto que, não se pode afirmar que a Hierarquia Brasileira tenha se preocupado com sua efetiva politização, com sua real promoção. E a JAC poderia ser o veículo, mas está bem longe disso.

Não acredito em cristãos indiferentes aos problemas nacionais, aos de sua classe. Conheci um santo bancário que jamais havia pisado no Sindicato da classe porque o tinha comunista.

Essa atitude que o Dr. Garcia Moreno classifica de profundamente triste, uma "religião mal orientada dos que se consomem no fervor do sobrenatural, perdidamente desconsolados e glacialmente indiferentes a este mundo de pecadores". É a alienação desejada.

Outro veículo extraordinário seria o dominical "sermão de seu vigaro" nas cidades de interior e meio rural onde os camponeses comparecem em massa. Acontece, porém, que 90% dos Vigários são tão alienados quanto. Escute-se um sermão e tire-se os nove fora... Politicamente, a maior parte do Clero receberia ligações de muitos populares, mesmo de conversadores de barbearia (segundo a opinião do eminente Pe. JNM, do Nordeste). São de uma santa ingenuidade política. Admiradores de lacerdas e penabotos; dignos de prêmios do IBAD. Contudo, "inocente úteis" são apenas os chamados nacionalistas...

movimento tranquilo assim, que não incomodará ninguém, merece e está merecendo o integral apoio de todas as forças reacionárias.

Não combato o sindicalismo rural. Se tivéssemos outra legislação agrária, seria um entusiasta. Que direitos terão os camponeses a exigir? Nestas circunstâncias, o sindicalismo rural serviria apenas de anestesia. Ou de tapeação.

Precisamos urgentemente é de uma estruturação agrária socializada ou nos moldes cooperativistas. Re-metemos o leitor ao capítulo AGRICULTURA do Caderno n.º 8 desta Coleção, de Nestor de Holanda.

Deixo claro que não sou nenhum defensor de Liga Camponesa, nem para tanto tenho delegação. Apenas desprezo os ataques gratuitos e suspeitos.

Desejo melhores dias para nossos irmãos camponeses. Não me importam os rótulos. Fulano está fazendo tal reivindicação. É ótima, justa, cristã. Mas ele é comunista! Pronto. Deus nos acuda! Se não trouxer nosso carimbo...

É assim que o mais das vezes o Clero prefere ficar com o antipovo a trabalhar pelo povo, porque há "infiliação comunista".

A SOCIALIZAÇÃO E O PAPA

Temos realmente um grande Papa. João xxiii é um homem providencial para nossos dias. Pensa realmente em termos de povo. De origem camponesa, nem a Púrpura nem o luxo do Vaticano conseguiram embrutar sua alma de irmão dos simples.

A gente fala sempre comovido a seu respeito. Sem outra atitude que a filial, de real admiração e amor. Sentindo a falta de correspondência nos diversos Episcopados. Agora tive notícia de uma recomendação sua aos Bispos Brasileiros pedindo DESCESSEM até o povo. Donde se vê que a observação vem de longe...

O Papa fala nos trabalhadores com palavras de impressionante carinho: "Nossa alma é presa de profunda amargura diante de um espetáculo infinitamente triste: uma multidão de trabalhadores, em numerosos países e em continentes inteiros, recebem um salário que os obriga — a elas e suas famílias — a condições de vida humana. Isto é devido, sem dúvida, também a que nesses países e continentes o processo de industrialização se acha ainda no início ou período insuficientemente avançado.

Entretanto, em alguns desses países (Brasil é um), é gritante e ultrajante o contraste entre a extrema mi-

séria das massas e a abundância, o luxo desenfreado de alguns privilegiados.

Consideramos, pois, Nossa dever afirmar, ainda uma vez, que a retribuição do trabalho não pode ficar nem inteiramente abandonada às leis do mercado, nem pode ser fixada arbitrariamente; ela é determinada pela justiça e pela equidade. Isto exige que seja atribuída aos trabalhadores uma remuneração que lhes permita, em um nível de vida verdadeiramente humano, enfrentar com dignidade suas responsabilidades familiares".

De posse do pensamento papal, citaremos agora, na íntegra, a parte da Mater et Magistra, onde fala sobre a SOCIALIZAÇÃO.

"A SOCIALIZAÇÃO é um dos aspectos característicos de nossa época. Ela é uma multiplicação progressiva das relações na vida comum; comporta formas diversas de vida e de atividade associada, e a instauração de instituições jurídicas. Esse fenômeno é alimentado pela fonte de numerosos fatores históricos entre os quais devem ser apontados os progressos científicos e técnicos, a eficiência produtiva cada vez maior, um nível de vida mais elevado para os cidadãos.

A SOCIALIZAÇÃO é, simultaneamente, causa e efeito de uma intervenção crescente dos Poderes Públicos, mesmo nos domínios os mais delicados: cuidados médicos, instrução e educação das novas gerações, orientação profissional, métodos de recuperação e readaptação de indivíduos mal dotados. Ela é, também, fruto e expressão de uma tendência natural, quase incoerente, dos sérés humanos: tendência à associação visando atingir objetivos que ultrapassam as capacidades e os meios de que os indivíduos dispõem. Tal tendência fêz surgir, sobretudo nas últimas décadas, uma gama intera de grupos, de movimentos, de associações, de ins-

tituições, com fins econômicos, culturais, sociais, desportivos, recreativos, profissionais, políticos, tanto no interior das comunidades políticas como no plano mundial.

É claro que a SOCIALIZAÇÃO assim entendida traz muitas vantagens. Efetivamente, ela permite obter a satisfação de numerosos direitos pessoais, em particular daqueles denominados econômicos e sociais. Por exemplo, o direito aos meios indispensáveis a um sustento humano condigno, a cuidados médicos; a uma instrução de base mais elevada, a uma formação profissional mais adequada, à habitação, ao trabalho, ao repouso conveniente, à recreação.

Além disso, graças a uma organização cada vez mais perfeita dos meios modernos de difusão do pensamento — imprensa, cinema, rádio, televisão — é possível a qualquer pessoa participar das vicissitudes humanas, em um alcance mundial.

Mas, ao mesmo tempo, a SOCIALIZAÇÃO multiplica os métodos de organização e torna cada vez mais nuciosa a regulamentação jurídica das relações humanas, em todos os campos. Ela reduz, por conseguinte, o raio de ação livre dos indivíduos. Utiliza meios, emprega métodos, cria ambientes que tornam difícil a cada um o pensamento independente das influências exteriores, a ação de iniciativa própria, o exercício da responsabilidade, a afirmação e o enriquecimento da própria pessoa.

Deve-se concluir que a SOCIALIZAÇÃO, crescendo em amplitude e profundidade, transformará necessariamente os homens em autômatos? É preciso responder negativamente a essa interrogação.

Não se deve considerar a SOCIALIZAÇÃO como resultado de forças naturais movidas por um determinismo. Ela é, pelo contrário, como já notamos, obra dos

homens, sêres conscientes, livres, levados por natureza a agir como responsáveis, ainda mesmo que sejam celiados, quando agem, a reconhecer e respeitar as leis do desenvolvimento econômico e do progresso social, e não consigam escapar inteiramente à pressão do ambiente.

Daí concluímos que a SOCIALIZAÇÃO pode e DEVE ser realizada de maneira a aproveitar as vantagens que oferece e a conjurar ou reprimir seus efeitos negativos.

Para tal fim, porém, é preciso que os homens investidos de autoridade pública estejam animados por uma só conceção do bem comum. Este abarca o conjunto das condições sociais que permitem e favorecem nos homens o desenvolvimento integral de sua personalidade. Julgamos, além disso, necessário que os organismos intermediários e as diversas iniciativas sociais, mediante as quais sobretudo se exprime e se realiza a SOCIALIZAÇÃO, gozem de uma efetiva autonomia em face dos poderes públicos, busquem seus interesses específicos na base de leal colaboração com êles e em subordinação às exigências do bem comum.

Não é menos necessário que êsses organismos sociais se apresentem sob a forma de verdadeiras comunidades; isto significa que seus membros serão considerados e tratados como pessoas, estimulados a participar ativamente em suas realizações.

No desenvolvimento das formas organizativas da sociedade contemporânea a ordem se estabelece, cada vez mais, graças a um equilíbrio renovado: de um lado, a exigência de colaboração autônoma fornecida por todos, indivíduos e grupos, e, de outro, coordenação em tempo oportuno e orientação provinda dos poderes públicos.

Se a SOCIALIZAÇÃO se exercesse no domínio moral segundo as linhas indicadas, ela não comportaria, por natureza, perigos graves de sufocar os indivíduos. Ela

favoreceria nêles, pelo contrário, o desenvolvimento das próprias qualidades pessoais. Ela reorganizaria mesmo, a vida comum, tal como Nossa Predecessor Pio XI preconizava na Encíclica "Quadragesimo anno", como condição indispensável para satisfazer as exigências da justiça social".

* * *

Acreditamos que o pensamento papal dispensa comentários. Merece uma meditação. Sobretudo por parte dos Dirigentes da Igreja no Brasil. É possível uma socialização no Brasil, respeitando tôdas as nossas particularidades. O Caderno n.º 8 pode ser passível de críticas em algumas considerações secundárias. Mas o leitor não perderá nada com a leitura do mesmo. Procure o leitor pensar por si mesmo; não aceitando, por hipótese alguma, em nome da nacionalidade brasileira, soluções pensadas por americanos ou americanizantes, por IBAD ou pelo antípovo. Depois que se vê uma traição ao povo como o livro "Reforma Agrária, Questão de Consciência", a gente deve ficar de sobreaviso. Tudo pode acontecer; e, às vezes, em nome da Igreja... Como as restrições feitas a Sacerdotes por lutarem a lado do povo, na busca de melhores dias, de uma economia mais justa. O caso do Pe. Alípio de Freitas não é único...

Os reacionários não nos devem interessar, sejam eles quem forem. Já carregam em seus ombros a vergonha de sua própria inglória. O que devemos é continuar nossa luta por um cristianismo livre, autêntico e sem peias. Não podemos deixar de lutar pela Justiça Social. Esta luta está no quadro de nossa missão de contradição. Cristo foi o maior escândalo de sua época e o discípulo não pode esperar melhor sorte. Este é

como responsáveis pela inversão da ordem, pelo descontentamento geral. Não sou agitador: o mundo todo já está agitado; agitado pela miséria, pelo abandono em que vivem-morrendo. Sou apenas um angustiado pela situação da fome e do desespere. Falar contra o comunismo é patriotismo; falar contra a vergonhosa exploração americana é ser agitador. Mundo livre...

um dos motivos porque batalhamos pelos menos favorecidos, nesta Pátria de castas privilegiadas. Se fugirmos, se nos calarmos, se nos vendermos, trairemos nossa missão e nosso povo trabalhador: Cristo espera sejamos dignos do operariado. Não podemos, pois, parar; a luta mal começo. Se falharmos pelo aburguesamento nos tornaremos indignos dos trabalhadores, desta geração e dêste Papa.

Pessoalmente não tenho outro interesse que o de esclarecer o povo; o povo que trabalha e sofre, que constrói a riqueza dos outros e fica cada vez mais pobre; o povo que luta e passa fome, diariamente. Isto tem alarmado a muitos. O céu capitalista treme. E um céu podre. Os capitalistas fazem questão de confessar o sistema ser injusto. Tanto assim que, se alguém clama por justiça dizem logo: COMUNISTA. Negam, portanto, que exista justiça dentro do sistema em que lucram explorando os outros.

Estamos diante de um povo que sofre, anestesiado, humilhado e sem direitos. Mas hoje já tomando consciência de sua dignidade e de sua escravidão. E aprendendo também que deve se libertar dessa escravidão. O Papa disse que a situação é gritante. Falar não chega. É preciso gritar. A Igreja no Brasil estive se pulada num silêncio pecaminoso porque se calou demais.

E é tal a confusão que, nem mesmo um Sacerdote pode ser autêntico, mesmo se com a Encíclica na mão. Os partidários do Sistema decadente estão em desespere. E em vão esmurraram o espaço. Ningém conterá a marcha do mundo, do Brasil para um mundo novo, para um Brasil novo (e Brasil com S). Já recebi o nome de *agitador*. Ora, agitador e subversivo não é aquêle que procura gritar por justiça, mas os que criaram a injustiça, os exploradores; êstes sim, devemos denunciar.

tade de ver de perto) pela praia de Copacabana: "Estão todos no pecado".

E uma tristeza lamentável essa formação (ou deformação) em matéria de pureza, que se costuma ministrar.

Enquanto isso, graves problemas afligem o povo brasileiro, esperando também por uma ajuda mais efetiva dos Dirigentes da Igreja, que não aparece... Mas para combater comunismo há quem super lacerda... Pelo sim ou pelo não, os Bispos Brasileiros estão distanciados do povo (SUMARÉ é um símbolo...) e do seu comum sentir. Se no plano das idéias estão com o povo, na hora H parecem antes ao lado do antipovo (há consoladoras exceções).

E o grande Lebret SJ quem diz, em seu "MANIFESTO por uma Civilização Solidária": "Sofremos ao ver as hesitações de certos meios cristãos em compreender a situação, as necessidades e as aspirações da humanidade de hoje; e o pior, a lentidão de certos elementos do Clero em compreender essa situação".

Um escritor católico francês define, com graciosa ironia, esse tipo de moralistas, preocupados com a pureza, mas esquecidos de que é o 2º Mandamento semelhante ao 1º: "ELES TÊM AS MÃOS PURAS, MAS NÃO TÊM MÃOS..."

AS MÃOS PURAS...

Numa roda de sacerdotes ouvi, certa vez, um desses comentários de que a gente ri para não chorar. Falavam da Reunião dos Bispos Brasileiros, em Goiânia, em 1957. E veio à tona os muitos gastos com uma Reunião Nacional, para finalmente brincarem com as RESOLUÇÕES que chegaram a saber: "Em lugar de Padre Nossa diga-se Pai Noso. Em lugar de Glória ao Padre, Glória ao Pai. Na oração depois da Missa diga-se "sub-jugue-o Deus". A palavra exata é "degradado" e não "degradado", na Salve Rainha..."

Em algumas Dioceses e Paróquias há uma acentuada preocupação contra os decotes femininos. Ainda que outras, mais sérias, nem sequer pregararam os castigos de exortação à "decência", em suas igrejas. Há paróquias em que até o baton é pecado. Já ouvi cada sermão! Como também já ouvi Vigário com fino gosto estético elogiando certas ajudas que algumas prestam com arte à natureza!

Num livro especial para rapazes (criados por vovô), da autoria de um famoso bispo, li, entre outras, estas: "No baile, quando você dansa, meu rapaz, é o diabo quem toca violino".

Condena-se Freud, mas a moral prática da maioria é horrivelmente freudiana. Parece até obsessão. Muitos atiram para os fiéis os problemas que são pessoais. Um desses cátaros exclamou, ao passar ao longe (com von-

tiveres terminado de saquear, serás saqueado; quando acabares de roubar te roubarão a ti!"

Sempre houve e sempre haverá sede de justiça. A maioria dos homens jamais esquecerá sua igualdade e dignidade; jamais, em contrapartida, deixarão os privilegiados de, quais bestas apocalípticas, explorar os menos favorecidos.

Por isso, uns orarão assim: "Por que isto, meu Deus?!" Outros, bem perfumados e bem dormidos, rezarão na base da blasfêmia: "Obrigado Deus, por teres criado "essa gente" que constrói nossa riqueza, a fim de que possamos viver na abundância". As reivindicações continuam, porque todo homem foi criado para a Grandeza e não para a Escravidão.

"Almas Redimidas" é um filme que acredito fará bem a qualquer expectador. Uma cena renovou meu propósito de continuar a Gritar, ainda que seja sózinho e para ninguém ouvir: No Tribunal dos homens, duvidavam se tal malfeitor deveria ou não ser condenado à morte! Na frente do Tribunal passeava um popular com um cartaz: PENA DE MORTE É CRIME LEGALIZADO.

Num determinado momento um policial se aproxima e ironiza: "Pensa mudar o mundo com esta Tabuleta?" "Não é bem isto, respondeu o popular, apenas quero que o mundo não me mude".

É quase exatamente isto, o que desejo. Não pretendendo mudar a corrente, apenas tentarei nadar em contrário, num esforço de sobrevivência, preservando minha independência e liberdade pessoais a fim de que o mundo não piore, nem me mude, nem anestesie meus irmãos.

Ninguém mudou (nem mesmo Jesus), ninguém mudará, é certo. Mas, ai de nós, se não tivessem existido IBAD ...

Um católico preocupadíssimo me procurou certa vez: "Isto não muda nunca. O sr. Elísio tem jornais de 1916. Nessa época já se protestava contra este estado de coisas. E o que foi mudado? Nada!"

O fato, ao que parece, não pode ser negado, no mundo livre. Mas a coleção do sr. Elísio prova apena-

ATÉ QUANDO?

Mal acostumados, a maioria dos católicos não aceitam, ou aceitam com sinta reserva, os Padres que têm em estar com o povo, angustiados com sua escravidão no abençoado mundo livre.

E vi mesmo muito congado palmeira preocupado em me converter... O Episcopado rende gragas a Deus porque dêstes santos o Clero está cheio. Antigamente, padre mau era o impuro; hoje passou para o segundo time. O PÉSSIMO que nem missa pode celebrar em Dioceses (marca Palácio de Sumaré), digno de compaixão e orações dos fiéis (cf. sermão de algum ônus palmeira), é aquêle que insiste em pensar diferente do IBAD ...

Um católico preocupadíssimo me procurou certa vez: "Isto não muda nunca. O sr. Elísio tem jornais de 1916. Nessa época já se protestava contra este estado de coisas. E o que foi mudado? Nada!"

O fato, ao que parece, não pode ser negado, no mundo livre. Mas a coleção do sr. Elísio prova apena-

nas que o espírito e a sede de justiça é patrimônio comum dos homens. Muito mais antigos são os Profetas, na batalha. Veja-se, por exemplo, Isaías (8 séculos a.C.) vituperando uma falsa religiosidade e riqueza individualista (com prejuízo do bem comum), ao iniciar o cap. 33: "Ai de ti, saqueador que ainda não foste saqueado, e ladrão a quem ainda não roubaram! Quando

tido, em tôdas as épocas, essas vozes angustiadas que funcionaram como freios. O capitalismo, por exemplo, não é melhor porque muito se elogia e defende; e não é pior porque ainda existe quem o critique.

São Paulo, falando dos superalimentados, exclamava: "O Deus dos romanos está no ventre!"

E São Basílio (século IV), referindo-se aos que amontoavam tesouros com prejuízo do bem comum, gritava: "Aquele que guarda para si bens supérfluos é LADRÃO, defraudando assim a multidão dos que vivem na miséria". Até parece escreveu de encomenda para o Brasil dêste momento.

A fome no Nordeste é nada menos do que a consequência de um regime de privilegiados; o problema é grave e complexo; e esmolas não resolvem. Servem apenas para mais possibilitar a continuação de um sistema desumano. O liberalismo econômico em que vivemos faz crescer a riqueza dos privilegiados, ao mesmo tempo que aumenta a miséria das massas.

Que é um Privilégio? Com a palavra o Frei Carlos Josaphat OP, em suas aulas de Mater et Magistra. "Será Privilégio — condenável — toda vantagem atribuída a um indivíduo ou grupo, desde que não haja uma referência ou orientação direta ou indireta ao bem social".

O Brasil (com S e com Z) é então a Pátria dos Privilegiados. E como se multiplicam os privilegiostos!!!

ATE QUANDO?

O PERIGO DA UNE

A União Nacional dos Estudantes é um dos nossos melhores valões nacionalistas. Sua atuação, ainda que modesta na vida política brasileira, é já uma contribuição de peso à nacionalidade.

Tem despertado em muitos os melhores sentimentos de patriotismo, de vergonha. E quando o Gigante se levantar do beirão esplêndido (agora em espuma de nylon) terá um sorriso de gratidão também para a UNE.

Como era de se esperar, os ibadianos fundaram vários tipos de escolinhas americanizantes para "formar" os estudantes brasileiros contra sua própria Pátria, que passarão a chamar de Brazil. Um dos grandes "mestres" (para não dizer vendidos à infame desnacionalização) é um tal de Pe. Lira, jesuíta de Recife. A essa altura já famoso... Pessoa Querida e Membro de Honra do IBAD. Só acreditei em certas atividades escusas porque contadas por um outro jesuíta (mas este sério).

Dêstes tipos encontramos em tôdas as agências de IBAD. Em algumas dioceses se intitulam a si mesmos de salvadores da Igreja e da Pátria, em suas lutas contra o comunismo ateu... E o Americano crescendo, satisfeito e rico, rindo às nossas custas, com nosso em-

pobrecimento, numa constante cocacolização. Não sa-
tisfeitos com a espoliação interna, nessa luta de pa-
trões escravocratas contra seus trabalhadores, nos ex-
pomos à espoliação internacional. Verdadeiramente o
americano está sólto...

A UNE é uma luta pela brasiliade do Brasil. Gra-
ças aos brasileiros que já acordaram é que se atraiou
o processo de nossa nylonização; é devido a um sadio
nacionalismo que ainda falamos português: Yes, sir...
A UNE virou uma espécie de Bicho Papão. Talvez
de modo especial para a Hierarquia, sempre assustada!
A ponto de proibir a participação de notáveis univer-
sitários católicos de JUC, na Direção da UNE. A gente
só acredita certas coisas porque evidentes...

Quando se fala em UNE vem logo o pensamento
de comunismo. Tudo que há de bom por lá é esque-
cido. Uma vez que estão rotulados de comunistas. Os
universitários valiam alguma coisa quando eram futebolistas,
absolutamente alineados. Mas depois que se integra-
ram na vida nacional e passaram a se interessar pelas
angústias do povo, são considerados perigosos!

Há um fato doloroso neste brasil USA, afilhado do
PONTO 4, este brasil de Claytons e Sanbras, dominado
pelos infames trustes estrangeiros; este brasil onde até
o café vira Nescafé e a borracha vira good-year; é a
coincidência de desgostar aos americanos, desgostar tam-
bém a tantos bispos. Acontece que não se pode ser sim-
plesmente brasileiro; é necessário ser brasileiro kennec-
dysta. Ou então estamos diante de um comunista.

escândalo do século 20 está sendo o risco de perder
a juventude".
Se o leitor ainda não ouviu o disco O POVO CANTA,
do Centro Popular de Cultura da UNE, compre-o, ouça-o
e divulgue-o.

PERSPECTIVA: "Se o grande escândalo do século 19
foi a perda, pela Igreja, da classe operária, o grande

* * *

ao salário de morte; evidentemente meu patrão me explora. Meu salário não dá para nada: mas em Natal recebo leite em pó, farinha de trigo e de milho... E vem a conformação criminosa, suicida. E o lucro crescente dos espoliadores, protegidos pela distribuição caridosa do leite em pó...

É neste sentido que a frase de Isa foi ótima. Jamais poderíamos combater a esmola; mas quando ela é feita dessa forma, convenhamos! É claro que enquanto meu irmão está com fome deverei dar comida. Mas é necessário também lutar para que isto não se torne crônico. DEUS QUER ASSIM.

Se você der esmola sem procurar lutar contra este estado de coisas, você está traindo seus irmãos espalhados. E, nem será bom religioso nem bom brasileiro.

NÃO ATRASE A REVOLUÇÃO BRASILEIRA!

PARA ATRASAR A REVOLUÇÃO

Numa parada de poucos minutos em João Pessoa, Isa veio com sua graga ao meu encontro. Ia com destino à Faculdade de Direito de Recife, para falar sobre “A Mater et Magistra e a Realidade Brasileira”.

Um mendigo, qualquer pediu esmola. Isa não estava disposta a dar esmola naquele instante. Ao se afastar o mendigo, ela me segredou com humor: “Esmola atrasa a Revolução”.

Revolução não é sómente a armada; e em qualquer caso há etapas que devem ser levadas em conta. O proletariado pode chegar ao poder ao qual está destinado (e assim devemos desejar) sem o uso de armas belicosas. Assim, o processo revolucionário brasileiro vai andando com naturalidade e firmeza.

A esmola é um bem positivo, religioso e bíblico; pode ser, se bem praticada, um exercício da caridade, do amor. “Sempre tereis pobres entre vós”. Nenhum sistema econômico, por mais perfeito e ideal que seja, conseguirá acabar com a pobreza. E sempre será necessária a solidariedade, a ajuda fraterna, pois tanto haverá o menos favorecido como os imprevistos.

Mas uma coisa é dar esmola por necessidade passageira e outra é dar esmola para conservar uma situação insustentável, para agradar mais aos ricos e aos americanos que a Deus. O nordestino pode pensar: sou casado e tenho filhos; do salário de fome passei

povo que sofre, é a respiração do pobre e se inspira na fome, na exploração, na injustiça clamorosa. Escrever para latifundiários se deliciarem, numa época como esta e numa Coluna como esta, seria uma traição sem nome.

COMO SE PREPARA UMA REVOLUÇÃO

Pode ser que ainda venha a publicar a Colefânea de meus artigos semanais. Estavam causando muita quietação. Abordava os mais variados problemas. Um deles foi incomodar uma rica professora de português, que passou a considerar a Coluna como subliteratura. Escrevi, então, a justificativa:

A fome verdadeira é diferente da fome espontânea e procurada: "fome" pelo jejum religioso ou pelo regime para emagrecer à procura de "formas esculturais" . . .

Tudo isso é grosseira imitação. Tão diferente como o fogo real e o fogo pintado num quadro. Tão diferente como o saláriozinho e os lucros fabulosos. Tão diferente como o esbanjamento de comidas finas e o desespere do pai de muitos filhos sem poder comprar o necessário.

A fome verdadeira está cada vez mais . . . revolucionária!

A fome está sendo a terrível arma do povo. Tremendamente.

A fome! A fome! É mais séria do que se pensa. Imagine-se apenas isto: Uma latifundiária Professora de Português se lamentando porque esta Coluna era subliteratura. Mas não é de poesia e alta literatura que os menos favorecidos estão precisando, minha gente. Minha linguagem de Subliteratura é a voz do loucura na procura do pão. A fome poderá apressar a marcha dos acontecimentos . . . A fome não se mata com presentinhos. "Natal dos Pobres" é esmola muitas

A fome tirou a força do faminto. É preciso que alguém grite em seu lugar. E jamais imaginei uma Coluna Literária. Não foi criada para poeta-de-pôr-de-sol, mas para dizer e reclamar a dureza da vida do povo.

E a fome do povo não se mata com literatura. Mas a Subliteratura pode acordar os dorminhocos das indústrias, comércio e latifundiários para a justiça. Contanto fale e expresse a voz do povo, o clamor da fome, da miséria, do sofrimento, do desespero. Dos ideais do Papa João XXIII, velhos temas da Doutrina Social da Igreja.

A fome está muito mais próxima do que se imagina. E me pergunto: Quantos anos nos separam do derramamento do sangue brasileiro? Quanto tempo se resistirá à fome na angústia surda? Quantas vezes ainda terá o direito de lamentar a Professora de Português minha subliteratura?

A fome clama por justiça, amigos. E a resposta às perguntas que me fiz, estará ou não no cumprimento da Justiça Social? E o 3º Papa que apela por Justiça. 70 anos de inéria (a partir do grito de Leão XIII) dos Poderes e das Posttestades Econômicas. Até quando continuará assim? Ouviremos ou não a angústia da Mater et Magistra?

A fome tem sua mística. A fome pode chegar à loucura na procura do pão. A fome poderá apressar a marcha dos acontecimentos . . . A fome não se mata com presentinhos.

vêzes humilhante para quem recebe e é usado para fazer aparecer "generosidades"...

A fome assusta. É terrível. Quem procura clamor para que se ponha fim a uma situação desta é um subversivo. Mas quem cria a situação não é. Essa vida... Vamos aguardar. Amanhã será melhor!

Um lavrador do Nordeste ganha, em média, \$100,00 por dia.

E custa \$ 100,00 um litro de farinha".

Zé da Silva é um homem livre

"Passo a vida trabalhando
Dando duro no batente
A comer de vez em quando
Isso é vida minha gente
Se ser livre é passar fome
Não basta ser livre, não".

* * *

Você deve continuar acreditando num sistema econômico que não acredita em você?!

ZÉ DA SILVA É UM HOMEM LIVRE

O sistema capitalista já deu prova suficiente de sua incapacidade, na solução dos graves problemas brasileiros. Trata-se de um sistema decadente, em desespéro. O mundo marcha para um outro tipo de economia que está longe de ser a capitalista.

E a Igreja não pode se identificar com um sistema econômico que agoniza. Paulo de Tarso afirmou ser o capitalismo o adversário mais perigoso do cristianismo, porque lhe tira a autenticidade, sem a qual não poderá superar o comunismo. Os sucessos comunistas serão tanto maiores quanto maior for a confusão entre Capitalismo e Cristianismo.

A propaganda continua a ser a arma capitalista usada contra os incautos. Os capitalistas gastam horrores de dinheiro (dinheiro subtraído do povo) em propagandas americanizantes, em clamorosas mentiras. A maior delas talvez é a tal de LIBERDADE.

"O pobre vive de temoso". O operário vive-morrendo, vive para a morte, pelo estrangulamento econômico, num sistema que não acredita nêle. Vive na liberdade da escravidão do capitalismo.

Os salários dos trabalhadores são demais insuficientes. Não dão para o SAL, para o alimento essencial. Salàriozinho de morte, espécie de convite macabro para uma reivindicação (revolucionária) dos direitos

usurpados. Convite "pecaminoso" a ser como os patrões, injusto: ladrão que rouba ladrão... Com uma diferença notável: o Ladrão-de-Milhões cairá na "cadeia" de carros de luxo, nas poltronas macias e, nos jornais e revistas levianas, sairá nas Colunas Sociais. O Ladrão-de-Pouco, o Ladrãozinho, cairá na cadeia mesmo, e seu nome vai parar nas Colunas Policiais.

Os capitalistas não perdem tempo; fazem-se de cristãos para se utilizar da Igreja, como esteio de suas injustiças (pelo menos na conta do excessivo silêncio). Um dia, os cristãos-de-Candelária despirão as roupas de palhaço; a pintura e a cara de palhaço permanecerão: são reais e não postícias como a roupa.

O capitalismo jamais se proclamou contra o casamento, por exemplo; mas com o salário que paga nega a possibilidade de vida familiar.

Contudo, Zé da Silva é um homem livre. Pode desesperar e morrer o dia que desejar: é um homem livre!

"No Nordeste, 78% dos municípios não têm um hospital.

Os homens do Nordeste vivem, em média, apenas 27 anos.

Eles, quando comem, comem farinha dágua com água.

UM GRANDE NOME

A acusação julgo injustiça, ainda reconhecendo um pouco de dolorosa realidade, no círculo vicioso em que alguém colocou os Dirigentes da Igreja. Dizia: "Se não houvesse Comunismo não teriam acordo para certos problemas. E como há, não entram na luta para não se misturar".

Criou-se uma mentalidade de que "com os comunistas nenhuma colaboração" e muitos cruzam os braços. Porque em tudo há "infiltração comunista". Claude Tremontant julga esta atitude superada, insustentável.

Mas há sempre honrosas exceções, como o grande Arcebispo de Recife, incontestavelmente o Prelado mais lúcido do País. Seu nome, Dom Carlos Coelho, devemos pronunciar com carinhoso e religioso respeito.

Foi grande sua compreensão diante do Movimento de Cultura Popular de Recife.

O Pe. Almery é uma das melhores expressões do Clero jovem do Nordeste. Mantém, desde a fundação da ÚLTIMA HORA do Nordeste, uma excelente Coluna: CRISTIANISMO, da qual é coordenador. Não há rasgos revolucionários. Porém, como se trata de ÚLTIMA HORA e porque insiste em proclamar a verdade, buscando-a onde estiver, grande parte do Clero começou a se inquietar. Da inquietação passou quase ao ataque. Entra em cena a palavra do eminente, santo e decidido

Pastor, dizendo, numa reunião do Clero, mais ou menos isto: "Oxalá tivessemos uma Coluna de orientação católica em todos os jornais. A Última Hora é aqui o mais lido pelo povo humilde. Quanto à doutrina ali exposta, cabe ao Bispo julgá-la". E o Pe. Almery continua coordenando a Coluna.

Mais uma atitude de firmeza foi a resistência ao Clero "anticomunista" e ibadiano que, a todo custo, queria a condenação da candidatura Arraial.

Além de não ter condenado, não posso imaginá-lo votando no Usineiro derrotado...

Bem sei que não trouxe o que de mais essencial deveria; mas estas pequenas amostras são sintomáticas. Basta se compare com outros.

CREIO NO BISPO

Creio firmemente na instituição episcopal como de origem divina. Minha crença chega à veneração ao considerar o bispo teologicamente como o Pastor da Comunidade (mesmo sendo o Arcebispo Coadjutor de Natal, ou o bispo de Campos ou Diamantina).

O Brasil tem, verdadeiramente, em sua quase totalidade, homens episcopais de alto quilate. Não sei mesmo o que torna o Bispo tão distante de seu povo e de seus padres. Há uma prepotência, uma "natural" pose, uma atitude de PRÍNCIPE, e o pior, uma incapacidade, na maioria, na admissão do Diálogo.

Há certas "convicções" que deveriam ser repensadas, honestamente. Por exemplo, a intransigência com o socialismo. Bem sei que não se acredita nem se está contente com o atual estado de coisas (noves fora, os Bispos de Diamantina e Campos); e não vejo porque, no campo prático econômico, não se possa pensar noutro tipo de sistema. E a Mater et Magistra não exclui, nem nega as vantagens da socialização. E se considerarmos o sentido essencialmente comunitário (comunhão) do cristianismo, realizado de maneira mais perfeita no vigor da Igreja Primitiva, qual o tema que lhe é mais contrário?

Ora, "o comunismo, como sistema econômico, fora de toda sua filosofia, não está tanto na antítese do cristianismo, não está em tal oposição à sua natureza,

"Pacífica ou sangrentamente, cristã ou comunista-mente, com Justiça ou sem Justiça nenhuma, parece que se fará a revolução".

quanto o capitalismo. Devemos ter presente que o ateísmo no comunismo não pertence à sua essência. "Ateu é o capitalismo em sua estrutura. Seu Deus é o ouro. Ateu é o Capitalismo, não por uma filosofia, que não possui, mas por sua prática que, sem jôgo de palavras, é toda a sua filosofia prática de sede insaciável, de instinto depredatório, de avarice, de prepotência, de dominação (Osservatore Romano, 8-4-49, C. Della Torre)".

É a incapacidade de ver, de sentir os anseios do povo, a marcha do mundo que me assusta. "Não sou bens construir uma ordem social econômica de harmonia com os princípios cristãos, daí a missão providencial que Deus parece confiar ao comunismo: castigar trações e negligências, aplanar o caminho para que venha a ser possível, num futuro mais ou menos distante, a criação de uma ordem econômica e social mais conforme com o Evangelho".

Em "Atitude Cristã em Face da Política", o Pe. Orlando Vilela nos brinda êstes pensamentos:

"Se repudio a concepção materialista do homem, teorizada no cérebro de Marx, não repudio menos a exploração do homem pelo homem, praticada em muitas empresas capitalistas".

"O proletário na vida social se sente reduzido a um voto, a uma cédula, impotente em face de uma imprensa vendida, oprimido pelas forças de opressão controladas e manobradas pelos "trusts".

"Também na vida familiar, com a insegurança: falta de casa decente, esposa fora do lar, membros da família separados, todos enfim absorvidos pela usina".

"Bem sei que muitos dirão que exagero. Que acentuo demais o clamor da justiça. Não importa. O fato é que uma nova civilização se prepara. Muitos o dizem, a própria massa o sente".

Evidentemente, o mundo marcha a passos decididos, com horizonte promissor, para um mundo novo. Terá o colorido que os cristãos quiserem. Se formos corajosos e honestos, será um mundo novo cristão; se nos acovardarmos, se não dermos a contribuição e o testemunho que Cristo e o povo humilde esperam e desejam, teremos um mundo novo longe da Religião (que se recusou a lutar por Ele e com Ele, por aquela vitória).

É verdade que outra é a missão da Igreja de Deus. Não é sua finalidade precipua cuidar do bem estar social. Mas poder-se-á pregar Deus a famintos? A massacrados e revoltados? Sem o mínimo de conforto indispensável pode-se pensar com justeza num Deus que parece insensível?

índios e matar o Padre quando celebrava missa. O Padre era um perigo para os interesses escravocratas.

A luta de numerosos sacerdotes era decididamente a favor dos mais fracos. Muito tiveram que lutar contra a escravidão dos índios pelos imperialistas portugueses. Hoje, só as coisas e animais podem ser objeto de propriedade; mas no século XVII, com muito custo os cristianíssimos colonizadores suportaram que um Papa lhes dissesse que os índios eram gente.

Frei Caneca estêve implicado em vários movimentos revolucionários, inclusive o da Independência. Fêz parte do Governo Provisório de Pernambuco. Criticou seriamente a orientação política do Imperador, e no insucesso da revolução para fundação da Confederação do Equador foi preso e condenado à fôrca. Sem perdão. Mas, entre os pobres não encontraram quem quisesse ser seu carrasco, nem entre os presos nem entre os escravos; tiveram de recorrer ao fuzilamento.

Outro grande nome é o do Pe. Feijó. Como Deputado por São Paulo, em Lisboa, 1821, pugnou abertamente pela Independência do Brasil. No movimento contra os brasileiros separatistas em Lisboa teve que fugir, com diversos colegas, para a Inglaterra. Proclamada a Independência, sua participação efetiva nos destinos do País foi imensa e benéfica. Combateu o trabalho escravo. Proclamou o direito dos cidadãos de combater à mão armada as transgressões da Constituição. Não teve o prurido do poder. Ao contrário, ele mesmo apressou a maioria de Pedro II.

Os nomes são numerosos; muitíssimos são desconhecidos, em virtude do trabalho anônimo. E não cabe aqui trazê-los todos. Apenas servem de amostra, e, permita Deus, sejam um exemplo de luta por um Brasil melhor. Em todas as épocas, como hoje, existiu a dualidade de tendências na Igreja: um Clero po-

NA HISTÓRIA DO BRASIL

A Igreja considerada em seus sacerdotes, teve sempre belos exemplos de participação na vida nacional, em várias manifestações, nas mais variadas épocas.

Os jesuítas (dos idos anos...) prestaram relevantes serviços à causa popular, sobretudo aos nativos, sempre defendidos com destemor. As Reduções são uma prova, certamente eloquente.

Logo no inicio vamos encontrar a simpática figura de um Pe. Anchietá. Seu pai, apesar de nobre, pertencia ao grupo dos "comuneros" (ou defensores dos interesses do povo), idealismo que lhe valeu perseguição do Salazar da época (Carlos V), e sua emigração para a Ilha de Tenerife, onde casou.

O Pe. Anchietá passou maus momentos devido ao Celibato. Os Caciques costumavam oferecer as melhores mulheres da tribo como prova de gratidão pelos benefícios recebidos. E o mérito de Anchietá dava para formar um harém.

As pregações do Pe. Vieira marcaram época; ao lado da pureza e beleza da linguagem usada, fazia denúncias sérias, exortações firmes, nem sempre agradáveis aos ouvidos dos exploradores. Um nome que não pode ser esquecido é o do Pe. Francisco Ferro, vítima do raposismo e traição de Jacob Habi, amigo dos holandeses. Conseguiu com esperteza sublevar os

pular ligado aos interesses do povo, vivendo o seu doloroso drama; e um Alto Clero comprometido com as estruturas dominantes (burguesia nacional e imperialismo), formando uma "aliança" para o progresso... Num domingo destes, dizia um Vigário da Zona Norte do Rio que apenas 5% de seus paroquianos compareciam à Missa, e ainda acrescentando haver outras paróquias piores. Verdadeiramente é uma percentagem alarmante. O povo distante do Altar de Deus! Por quê?

Os homens em geral não encontram na Igreja que pregamos uma mensagem atualizada para a vida de hoje. Os pobres a olham com distância, de baixo, sobretudo em se tratando dos chamados Príncipes da Igreja. Seu desânimo cresce quando verificam o tratamento dispensado pelos Bispos aos Padres ligados às lutas populares, aos Padres que gritam contra a espoliação.

Se a *matança dos mendigos* fosse obra comunista, Deus nos acuda!, quantos pronunciamentos graves dos mais variados Bispos, quantos sermões terríveis nas missas; mas como se trata do cristianíssimo governo Lacerda, nem mesmo o Cardeal em cuja Arquidiocese aconteceu se pronunciou... E o povo esperou. (*)

Antigamente, as Ordens Religiosas cuidavam do ensino dos pobres. Hoje, a coisa virou indústria rendosa, que se defende "sugerindo" até a retirada do Ministro Prof. Darcy Ribeiro, da Educação.

O ensino no Brasil pertence a sua maior parte aos particulares. Está mercantilizado. O Clero se ocupa

dos Colégios para grã-finos filhinhos de Papai. As Freiras então, nem se fala! Algumas chegam mesmo a proclamar: "Em nosso Colégio estudam as moças das melhores famílias." "Melhores", isto é, as mais ricas. Pobres Freiras! Morrerão na ilusão: cheirando perfumes caros que escondem podridões terríveis.

E haja defensores da "liberdade do ensino"! Liberdade de exploração! Nessa matéria os pais dos alunos estão melhor informados. Vejam se confere. Lí, em MELOQUISSES (Diário de Pernambuco): "O programa dos colégios Particulares é: nenhum esforço para dar nota 100 ao aluno e esforço total para tirar as de 1.000 do Pai".

Ora, ensine quem quiser. Seja um direito. Mas não como está sendo praticado no Brasil. Com exploração, e ainda subvencionado. E sómente para os privilegiados. Assim não poderá a Igreja ajudar o País em sua luta pela cultura de seu povo. E ensinar para o rico jamais seria ideal para Jesus Cristo: "Eis que vim evangelizar os pobres".

Por que vivermos distantes do povo? Por que tantas leis farisáicas, tantos preconceitos, tantas intrigenças, tanta preocupação pelo acidental, por aquilo que será dado por acréscimo? Será não estamos numa fase semelhante à religião dos fariseus ao tempo de Jesus?

(*) *Nota do Autor:* O Cardeal muito tardivamente se pronunciou. O livro já estava no prelo quando isso ocorreu. Fica aqui registrada a ressalva.

CONCLUSÃO INACABADA

Inacabada porque ela pertence ao leitor, que deverá juntar todos os casos e julgar. Volte ao início do capítulo "Marxismo e Cristianismo" onde lembro ser a Igreja do Evangelho, no qual Cristo tem sua posição definida: "Eis que vim evangelizar os pobres".

Seria, pois, um contra-senso estar a Igreja com o antipovo. Ela, como Espôsa de Cristo, está mais que solidária com Ele, porque é também o próprio povo. Quem estiver com o antipovo, está contra os reais ideais da Igreja, Mãe de todos os povos.

Pelo exposto, a pergunta do Caderno deve ser reformulada para um julgamento exato: ESTÃO OS DIRENTES DA IGREJA SOLIDÁRIOS COM O POVO?

— Não seja injusto. Se sua conclusão fôr negativa, lembre-se que há sempre exceções magníficas, dignas de nossas melhores admirações e respeito.

— Se fôr afirmativa, DEUS SEJA LOUVADO, o povo brasileiro é um felizardo!

ESTA OBRA FOI EXECUTADA NAS OFICINAS DA
COMPOSIÇÃO GRÁFICA LUX LTDA., RUA FREI
CANECA, 224 — RIO DE JANEIRO

CADERNOS DO POVO BRASILEIRO

Os grandes problemas de nosso País são estudados nesta série com clareza e sem qualquer sectarismo; seu objetivo principal é o de informar. Sómente quando bem informado é que o povo consegue emancipar-se.

Primeros lançamentos

- 1 — QUE SÃO AS LIGAS CAMPONESAS?
Francisco Julião
- 2 — QUEM É O Povo NO BRASIL?
Nelson Werneck Sodré
- 3 — QUEM FAZ AS LEIS NO BRASIL?
Osmo Duarte Pereira
- 4 — Por Que os Ricos Não FAZEM GREVE?
Alvaro Vieira Pinto
- 5 — QUEM Dará O Golpe NO BRASIL?
Wanderley Guilherme
- 6 — QUais SÃO OS INIMIGOS DO Povo?
Theotonio Júnior
- 7 — QUEM PODE FAZER A REVOLUÇÃO NO BRASIL?
Bolívar Costa
- 8 — COMO SERIA O BRASIL SOCIALISTA?
Nestor de Holanda
- 9 — QUE É A REVOLUÇÃO BRASILEIRA?
Franklin de Oliveira
- 10 — O QUE É REFORMA AGRARIA?
Paulo R. Schilling
- 11 — VAMOS NACIONALIZAR A INDÚSTRIA FARMACÊUTICA?
Maria Augusta Tibiriçá Miranda
- 12 — COMO ATUA O IMPERIALISMO JANQUE?
Sylvio Monteiro
- 13 — COMO SÃO FEITAS AS GREVES NO BRASIL?
Jorge Miglioli
- 14 — COMO PLANEJAR NOSSO DESENVOLVIMENTO?
Helga Hoffmann

Volumes extras

- 1 — VIOLÃO DE RUA
Diversos
- 2 — REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO NO BRASIL
Franklin de Oliveira
- 3 — VIOLÃO DE RUA (Vol. 2)
Diversos

LEIA-OS — COMENTE-OS — DIVULGUE-OS